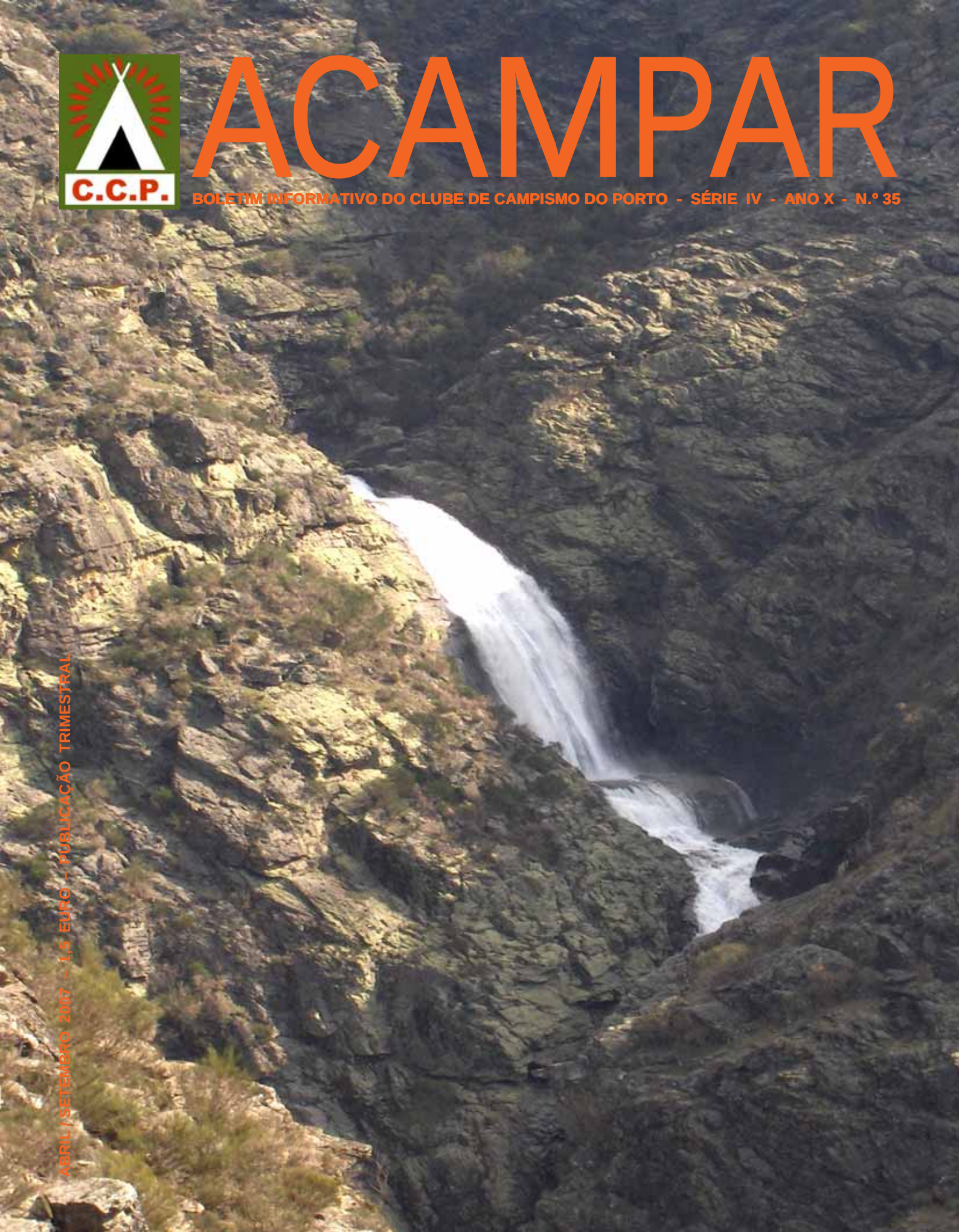


ACAMPAR

BOLETIM INFORMATIVO DO CLUBE DE CAMPISMO DO PORTO - SÉRIE IV - ANO X - N.º 35

ABRIL/SETEMBRO 2007 – 1,5 EURO – PUBLICAÇÃO TRIMESTRAL

CARAVELAIR
Challenger
EURA MOBIL
Campicasa

Trav. Monte Godim, S/N.º 4451-801 Leça da Palmeira T. 229 998 850 / Rua da Pena, 132 Nogueira 4475-490 Maia T. 229 601 549
Est. De Manique, 775/ 8 Manique de Baixo 2765-475 Alcabideche - Lisboa T. 214 452 516
E.N.2 N.º 68 Vila Chã de Sá 3510-936 Viseu - T. /F. 232 954 851
Camping 2000 - Rua da Douroana, 80/86 Ponte da Pedra - Requeira de Pontes 2400-926 Leiria T./F. 244 861 611

Campinanda - Comércio e Reparação de Caravanas, Lda www.campinanda.pt geral@campinanda.pt

Editorial

Foi, como prevíramos, um rotundo êxito o 10.º Acampamento da Velha Guarda. Excedeu mesmo as nossas expectativas. Mais de 450 participantes estiveram em Montalegre, naquele que foi, segundo os "habitués", um dos melhores acampamentos dos últimos anos.

Por coincidência também na sua 10.ª edição, realizou-se o nosso Acampamento Infantil.

Dez anos consecutivos a promover actividades para os escalões mais novos, é um exemplo que deveria ser seguido por quem tutela o Campismo Associativo. Talvez, também por aí, se conseguisse minimizar a razia que, ano após ano, se tem verificado na emissão de Cartas Campistas.

Sem qualquer tipo de comemoração registam-se este ano os 25 anos do Parque de Mondim de Basto, pertença da FCMP. Grandes eventos do Campismo e da Montanha por lá se realizaram, pelo que não me pareceria descabido que a data tivesse sido lembrada...

Jorge Agostinho

Sumário

Direcção 4
Comemorações 4
Opinião 5
Secção Montanha 6
Secção Pedestrianismo 10
Secção Cicloturismo 14
Activ. Pedestrianismo 15
Acampamentos 16
Activ. Culturais/Recreativas 21
Cultura 28
Caderno Apontamentos 30
Roteiro Viagem 32
Correio Leitor 34

Colaboraram neste número:

- Alfredo Correia (texto)
- António Gonçalves (texto)
- Artur Pereira (texto e fotos)
- Carlos Azevedo (textos e fotos)
- Direcção
- Durana Pinto (textos)
- Eduardo Neves (fotos)
- F.G.G. (texto e fotos)
- Fernando Vilarinho (texto)
- Joaquim Mendes (texto)
- José Azevedo (texto)
- Licínia Caldeira B. (texto)
- Manuel Amaral (textos e fotos)
- Manuel Marinho (textos e fotos)
- Manuela Sárria Vasconcelos (textos)
- Mário Agostinho (texto)
- Mário Nogueira (textos e fotos)
- C. M. de Mondim de Basto (foto da capa: *Fisgas do Ermelo)*
- Pinto Brandão (textos)
- Raúl Lopes (texto)
- Sebastião Silva (texto)
- Secção de Cicloturismo
- Secção de Pedestrianismo
- Victor Gomes (textos e fotos)

Ficha Técnica

ACAMPAR
N.º do Registo: 104 829
Ano X - N.º 34 - JAN/MAR 2007
Publicação Trimestral
Revista Informativa do CLUBE DE CAMPISMO DO PORTO
Edição e Propriedade do CLUBE DE CAMPISMO DO PORTO
Instituição de Utilidade Pública
Medalha de Valor Desportivo - Ouro, da C. M. do Porto
Medalha de Ouro da Cidade de Esmoriz

Sede: Rua D. Manuel II, 30 - 4050-342 PORTO
Telefones: 2220115 07 / 222087960 - Fax 222002694
Web: www.ccporto.pt
E-mail: ccporto@sapo.pt
revistaacampar@ccporto.pt

Todos os artigos assinados são da responsabilidade dos seus autores
Tiragem deste número: 8000 exemplares

Parque de Campismo de Esmoriz
Rua do Clube de Campismo do Porto
3885-529 Esmoriz
Telefone 256 752 709 Fax 256 753 717
Parque de Campismo do Penedo da Rainha
Gatão - 4600-099 Amarante
Telefone 255 437 630 Fax 255 437 353
Casa Abrigo de Belói (Inscrição prévia no CCP)
Belói – S. Pedro da Cova

FICHA TÉCNICA
Director:
- Jorge Agostinho
Conselho de Redacção:
- Paula Leite

Montagem e Impressão
Estúdio 3N - Desenho Gráfico e Fotolito, Lda.

Direcção

COMPOSIÇÃO ACTUAL DOS CONSELHOS TÉCNICOS

Um nota da Direcção dá conta que a componente actual do Conselho Técnico Desportivo é constituído pelos companheiros: Joaquim Fernandes (Responsável), Domingos Silva, José Maria Sousa, João F. Ribeiro, José Costa e Silva e Ricardo Nogueira.

Estes companheiros têm em mãos um divulgado trabalho sobre as tardes desportivas para jovens dos 5 aos 14 anos, por escalões e por idades, a enquadrar nas diversas modalidades contempladas no programa que veio substituir a prática dos torneios utilizada em anos anteriores.

Na área do Pedestrianismo foi nomeado assessor da Direcção o companheiro Artur Ferreira, coadjuvado pelo companheiro Humberto Borges.

Na mesma orla informativa, a componente do Conselho Técnico da Cultura e Recreio é formada pelos companheiros: Eduardo David Neves, José Pedro Oliveira, Eulália Purificação Sá, Raquel Guimarães e Rosário Rocha.

Como colaboradores deste Conselho Técnico contam-se os companheiros: António Miranda, Filipe Mota, João F. Ribeiro, Carla Verónica Ribeiro e Fernanda Gomes.

Nas actividades culturais em Amarante, contamos com os Conselheiros Técnicos: Fernando Cruz e Milton Reis.

Como Conselheiro Técnico na área de Parques e Abrigos foi nomeado o companheiro: António Fernando.

Nos cuidados de Saúde, a colaboração é prestada por: Dra. Margarida Maria Geraldes, Glória Abreu Fernandes e Helena Costa.

60º Aniversário

(Esmoriz, 15 Agosto)

Opinião

A FEDERAÇÃO DE CAMPISMO E MONTANHISMO DE PORTUGAL E O AUTOCARAVANISMO

Não pensava abordar novamente o tema do autocaravanismo, contudo, há duas razões que me levam a retomá-lo sem tibiezas para que não restem dúvidas que não é a modalidade em si que me motiva, antes sim, o meu posicionamento, que não é novo, no seio do Movimento Campista, enquanto federado e dirigente associativo.

A primeira razão que me faz retomar este tema é a quantidade de reacções que o meu último artigo desencadeou e às quais eu não quero passar indiferente sob pena de alguém pensar que atiro a pedra e escondo a mão ou o que pretendi foi atear a fogueira tentando desunir aqueles que de alguma forma, concorde-se ou não com eles, estão organizados ou a tentar organizar-se em prol da modalidade que escolheram e praticam.

Mas, como dizia, as reacções foram muitas e da mais diversa índole e em tal número que durante muitos dias o meu endereço electrónico parecia destinado unicamente a este assunto. Aos muitos companheiros que quiseram concordar comigo, o mínimo que alguns lhes chamariam, era "Velhos do Restelo", o que até nem é tão mau, tantos foram os dislates e insultos com que alguns me brindaram.

Para estes peço-lhes alguma compreensão e permito-me lembrar-lhes que há outras pessoas que podem não ter a mesma opinião que a sua e o melhor que têm a fazer é contraporem com elegância e educação os seus pontos de vista. Para os que de mim discordaram com honestidade intelectual quero agradecer-lhes o contributo que deram para melhorar a minha visão sobre o assunto que então abordei, porque sou dos que advogo que é no diálogo que se atenuam as diferenças de opinião a que todos, por enquanto, vamos tendo direito. Resta-me pedir desculpa aos pseudo intelectuais que me criticaram pela falta de qualidade literária do artigo, mas realmente aquele escrito não tinha pertenções a tal, antes sim a comunicar aquilo que penso sobre aquele assunto e que eles entenderam bem.

A segunda razão que me levou a abordar este tema do autocaravanismo foi a publicação do denominado Projecto Paneuropeu da FICC para esta modalidade do campismo. É um documento interessante, bem pensado e útil se for utilizado como ferramenta de trabalho a aplicar em todos os países da EU, tendendo a uniformizar o essencial considerando as diferenças estruturais de cada um nesta matéria, sendo indispensável para o seu êxito obrigar os governos a legislar e regulamentar esta actividade, reconhecido que é o seu crescimento e importância para o turismo de todos os países.

Mas em todo este processo, o que eu gostaria de saber é qual foi o contributo da FCMP, numa matéria em que a sua actuação tem sido estéril e não passa, pontualmente, de se fazer representar em algum encontro de autocaravanistas organizado por um qualquer filiado. A Federação deverá olhar para o autocaravanismo como uma modalidade do campismo, ao invés de andar a tentar, por todos os meios, augurar-se a tutelar esta actividade a nível nacional, como se tivesse capacidade para o fazer fora do seu âmbito de competências como federação desportiva.

O autocaravanismo é uma realidade turística a nível mundial, que também pode ser praticado por campistas, e é com estes que a Federação se deverá preocupar e a quem terá de criar condições dignas para a pratica do campismo com autocaravana nos parques de campismo, levando os seus filiados que possuem estas espaços a criar áreas de serviço e locais exclusivos para estacionar comodamente estas instalações, ou promovendo parcerias com outras entidades para apoio aos autocaravanistas em geral, quando em trânsito.

A Federação não deverá querer ser responsável pelos atropelos ambientais, e outros, que diariamente são cometidos por alguns praticantes do agora chamado "turismo itinerante", a sua educação deverá pertencer a outras entidades, cívicas ou públicas, que os enquadrarão enquanto cidadãos livres de comprar e utilizar aquele tipo de veículos. Compete, sim, à Federação promover informação junto dos seus filiados e dos portadores de carta campista para uma prática correcta desta modalidade, dentro e fora dos parques de campismo, sem cartilhas ou manuais de boas práticas, antes sim, dar-lhes a conhecer a ética campista pela qual o Movimento Campista sempre se regeu.

SÃO SITUAÇÕES COMO ESTAS QUE A FCMP QUER TUTELAR?

Uma simpática família de turistas itinerantes em plena refeição com mesa montada no passeio que, tal como as bicicletas, deveria ser para os peões

Um turista itinerante, num parque de estacionamento, a fazer os respectivos despejos para a rede de águas pluviais

Durana Pinto
durana_pinto@netcabo.pt

X MARCHA DA PRIMAVERA

Lindoso - Serra Amarela

Em jeito de balanço e "despedida"

Realizou-se em 14 de Abril a X Marcha da Primavera, provavelmente a Marcha com maior número de participantes – 170 – no historial do calendário regular da Secção de Montanha, confirmando-se as previsões que, de ano para ano, apontavam esta actividade como uma referência no calendário da Secção e a maior em participação e divulgação do Montanhismo.

Dez anos após a primeira actividade, são naturais algumas reflexões e um pequeno balanço.

Primeira reflexão: será que a marcha de Montanha, enquanto disciplina do Montanhismo, corre o risco de se transformar numa actividade de massas e será isso compatível com alguns dos valores da prática do Montanhismo, como o desfrutar e respeitar os valores naturais; o entregarmo-nos à contemplação e ao silêncio que só o ambiente de Montanha proporciona; o conhecer e respeitar outros hábitos e realidades e cultivar o companheirismo e a amizade?

Segunda reflexão: como enquadrar tão grande número de participantes, proporcionando-lhes um percurso atractivo e apelativo, sem desvios ao traçado reconhecido e com um mínimo de riscos ao nível da segurança?

Terceira reflexão: Há alguma fórmula que explique que a Marcha da Primavera, salvo raras excepções, desde a sua primeira edição venha a aumentar gradualmente o número de participantes, verificando-se um aumento este ano de 40% relativamente ao ano anterior?

Na minha opinião as respostas a estas reflexões/interrogações nunca serão consensuais, como ficou demonstrado numa reunião mensal da Secção, mas haverá alguns pontos em que o consenso é necessário e possível.

Desde o principio que se assumiu que a Marcha da Primavera seria uma actividade abrangente e virada para fora. Claro que não pensava um dia chegar tão perto das duas centenas de participantes e parece-me evidente, em relação aos valores enunciados - provavelmente alguns escaparam-me - que numa actividade com menor número de participantes, haja condições mais favoráveis à observação, respeito e contemplação da Natureza, se proporcionem possibilidades para um melhor conhecimento dos hábitos e realidades locais e até a amizade e o companheirismo poderão ser mais facilmente cultiváveis. No entanto, não me parece que haja uma incompatibilidade insanável. Haverá, quando muito, uma questão de graduação. É provável que em actividades com menor número de participantes possa existir maior aproximação, quer à realidade envolvente, quer às pessoas entre si. Por outro lado a

"massificação" é um dado adquirido. Há cada vez mais gente interessada em participar. Isso é verificável também noutros clubes, onde a participação em algumas actividades normalmente ultrapassa a centena de participantes. Embora em alguns casos haja confusão entre actividades de Montanhismo e Pedestrianismo. Claro que isto levar-nos-ia para outra discussão que me parece fora do âmbito deste artigo.

Quanto à segunda questão, é evidente que a organização de uma actividade com quase duas centenas de participantes - e será esta a mais que provável realidade no futuro - implicará uma melhoria no enquadramento, quer em quantidade quer em qualidade, relativamente ao que foi feito até hoje. Não que mereça grandes reparos, ou que existissem problemas nas dez edições já realizadas, mas o facto de na parte final desta X Marcha , por falha da organização, haver um grupo que efectuou os últimos 2/3 Km fora do percurso reconhecido, alerta-nos para a necessária rectificação e a introdução de melhorias na organização.

A segurança dos participantes, quando se atingem estes números, passa a ser uma preocupação. Melhorando o enquadramento, temos grande parte do problema resolvido, embora as características do percurso sejam também muito importantes... Como costumo dizer, a Marcha da Primavera não é um pequeno passeio pedestre, mas uma actividade de Montanha com algum grau de dificuldade. Sem alterar as características desta actividade - Marcha guiada em percurso de Montanha sem sinalização, com reconhecimento prévio da nossa responsabilidade e em locais sempre diferentes - é necessário passar a ter em consideração a elevada participação, o que implicará um aumento do número de monitores e uma optimização do sistema de comunicações.

Finalmente, o êxito em termos de participação na Marcha da Primavera, deve-se a quê? Bom, julgo que haverá vários factores que têm contribuído para um constante aumento de participação, como a divulgação por SMS, E-MAIL, sítios na

Internet e o facto de ter aumentado a apetência para a prática desta modalidade. Mas, penso que o determinante tem sido, por um lado, as qualidades intrínsecas da actividade, como a boa organização e percursos sempre diferentes e apelativos, e por outro, o empenhamento da maioria dos elementos da Secção na sua divulgação, trazendo até nós os seus amigos e familiares. Também o facto de ser uma actividade regular com inscrição gratuita não será de todo negligenciável.

Quanto aos limites na participação. Será que vai continuar a aumentar percentualmente de forma tão elevada? E, se no próximo ano aumenta mais 30 ou 40%?

É assente que não haverá limitações ao número de inscrições. Nesta questão já há consenso na Secção. Poder-se-á eventualmente introduzir uma data limite obrigatória nas pré-inscrições, o que permitirá adaptar os meios humanos e logísticos ao número de inscritos, e limitar as participações dos que só se inscrevem no próprio dia.

Feitas as reflexões, falta o balanço. Para esta actividade sempre em crescendo, só posso considerá-lo excelente. E como neste momento, por razões de ordem pessoal, terei que reduzir gradualmente a minha participação em termos de organização no terreno, não resisto à pequena vaidade de incluir neste balanço, um pouco dos dezoito anos como membro efectivo da Secção de Montanha.

Na Coordenação durante três mandatos; colaborando activamente em quase todas actividades da Secção (excepto a Escalada que não pratico, mas apoiando sempre, principalmente, as equipas de competição) como simples participante ou como dinamizador e membro das equipas que organizaram várias das vinte e sete Marchas da Amizade; dinamizando as actividades que se implementaram nos últimos dez anos, para além da Marcha da Primavera, as Marchas Outonais, as Marchas dos Reis e a Marcha do Solstício de Verão na Serra da Estrela, e ainda representando o Clube e a Secção em inúmeras actividades no País e em Espanha, procurei sempre, juntamente com outros Companheiros, dignificar o nome do Clube e da Secção de Montanha.

Finalmente a "despedida". Não é por acaso que está entre comas. É evidente que enquanto puder não arrumo as botas e ainda há actividades para organizar este ano, mas no futuro, a minha participação ao nível organizativo será residual.

Porém, estou certo e seguro que, como acontece com a Marcha da Amizade que irá este ano concretizar a sua XXVIII edição, a Secção não deixará de dar continuidade às actividades que nos últimos dez anos se vêm impondo de forma segura no seu calendário.

Mário Nogueira

Serra da Estrela

Realizou-se nos dias 16 e 17 de Junho, pela terceiro ano consecutivo, uma actividade na Serra da Estrela, designada Marcha do Solstício de Verão, devido à proximidade do início desta estação e que normalmente coincide com o fim de semana anterior às festividades do S. João.

Contrariamente ao sucedido nos anos anteriores, em que o calor às vezes excessivo foi a nota dominante, este ano o Solstício parecia o do Inverno, tal foi a quantidade de chuva e a baixa temperatura que se fez sentir.

Apesar destas adversidades, que levaram a algumas desistências, os habituais participantes que já constituem um espécie de "núcleo duro" desta actividade, não se assustaram e contra ventos e chuvadas, marcaram a sua inabalável presença.

Claro que a actividade acabou por ser mais reduzida que o programado, efectuando-se apenas a actividade do primeiro dia, que terminou com um animado convívio no Curral do Negro, local habitual de pernoita.

Ficou a certeza que para o ano haverá mais, esperemos com melhor tempo e um verdadeiro Solstício de Verão.

Mário Nogueira

Com diferentes motivações e com pouca ou nenhuma experiência decidimo-nos inscrever no XI Curso de Escalada Desportiva no Clube de Campismo do Porto

O primeiro contacto – continuamos sem saber se para nos desencorajar ou não – foi a apresentação de um vídeo de *psicoblock* (para quem não sabe, consiste num indivíduo a subir, sem cordas, uma rocha sobre o mar e um inevitável mergulho forçado de algumas dezenas de metros) que suscitou murmurinhos de "é isto que vamos fazer ??!!".

Nas aulas teóricas (duas no CCP e uma na sala XXL) ensinaram-nos tudo sobre o material individual e colectivo.

É SEMPRE A SUBIR!

Entre cordas, mosquetões, oitos e arneses, a nossa cabeça estava cheia de nós (de pescador e duplos inclusivé), mas que absorvemos com total e absoluta atenção, pois disso dependia a nossa vida. Passando a teoria à frente, fomos no primeiro fim-de-semana a Santo Tirso, subir paredes lisas e escorregadias e sem ponta por onde se pegasse… literalmente, chamada esta técnica de escalada em aderência. Os monitores não satisfeitos, deram-nos a conhecer o "prazer" de experimentar o *boulder*. Resultado: 5 feridos (no orgulho principalmente) e outros tantos desmotivados, sentimento rapidamente ultrapassado no dia seguinte na *Via da Chaminé*, nas Fragas do Tecto em Valongo, onde aprendemos (para nunca mais esquecer) que a presa abana, mas não cai…

Passado uma semana, estávamos nós novamente em Valongo, desta vez nas Fragas do Castelo. Aproveitámos a bela vista que nos rodeava para mais uma achega na teoria, desta vez sobre croquis e níveis de dificuldade, e vai-se a ver estes são só classificáveis para as subidas… Entre o emocionante treino de quedas, presas a aparecerem do nada, chouriças assadas, joelhos pisados e dedos arranhados, a sensação de sucesso alcançado foi o que prevaleceu. A evolução era notória em todos.

No dia seguinte, para nosso desalento, S. Pedro virou-nos as costas, o que nos obrigou a um treino indoor, no ginásio Play em Valongo. Fossem todas as vias assim…com sofá incluído. Treinamos aqui a escalada a abrir, em preparação para o exame final no fim-de-semana seguinte na Redinha. Lá, divididos em 2 grupos, subimos e descemos vias, como se não houvesse manhã.

Com as forças retemperadas num banho na "piscina" de Olhos de Água, jantámos sob a lua cheia, o que inspirou alguns a uma escalada nocturna.

O dia seguinte amanheceu encoberto, mas não nos encobriu a vontade de escalar. Depois do exame prático ultrapassado com sucesso, libertámos a ansiedade, o que nos permitiu escalar em todas as paredes que encontrávamos, tendo acabado no vale de Poios, onde, ao contrário do que pensávamos, as presas abanam… e caiem…

Balanço: para cima de positivo.

O medo que no início nos bloqueava todos os músculos e nos fazia gritar "Quero descer!!", foi ultrapassado, e o prazer de escalar ocupou o seu lugar.

Toda a aprendizagem e prática deu-nos a confiança e a certeza de que conseguíamos e acreditamos agora que mais do que a força física, a força psicológica é determinante nesta actividade.

Um grupo unido e homogéneo na vontade de chegar lá, e sempre disponível no apoio mútuo. Monitores constantemente atentos e sensíveis às nossas dificuldades, com a palavra certa, na hora certa, demonstrando a experiência de anos e partilhando connosco uma grande lição de vida.

- E agora, para onde vou??
- Para cima!!

F.G.G.

Nova temporada iniciada a 1 de Abril

Conhecido como o dia das mentiras, iniciámos a época de 2007 na mesma data em que comemorámos o Dia Mundial do Livro, convidando-nos a abreviar o trajecto inicialmente previsto, a fim de não perdermos aquela não menos importante actividade cultural, marcada para o fim da manhã.

O êxito que esperávamos foi alcançado e até o título do dia parece ter dado mais alento a quantos nos acompanharam nos 4,5 quilómetros do percurso, todo ele com sinaléticas renovadas, num combinado florestal entre pinheiros, austrálias e demais vegetação, assente aqui e além num tapete de musgo verde esbatido, oferecendo uma prática pedestre com perfeita segurança em ambos os sentidos a quantos o queiram fazer, mesmo sem acompanhamento técnico, tanto mais que é um percurso tangenciado à vedação Sul do Parque de Campismo de Esmoriz.

Excepção feita às actividades que anualmente praticamos "fora de portas" e que esta época vemos alteradas, de certo modo, em resultado do honroso convite feito para organizarmos as caminhadas em colaboração com o Museu Soares dos Reis no Porto, a importante actividade da Geminação Porto/Bordéus/Bilbau, também no Porto, a actividade calendarizada no Acampamento da Velha Guarda em Penedones (em Montalegre) e o pedido de colaboração da Porto Lazer num modelo aproximado ao já conhecido "Anda Porto", as actividades a levar a termo nos restantes percursos no perímetro florestal do Parque de Campismo de Esmoriz, de cujo conhecimento e prática recebemos e encaminhamos a orientação que nos sugere anualmente novos reconhecimentos e remarcações, foi objecto de aturado esforço e trabalho, por etapas, muito antes da data marcada para o início da época.

Mas tudo ficou a postos e com mais ou menos desvios, impostos pela actividade desordenada e constante dos lenhadores dentro da zona florestal e, também o abandono, para já, de um dos caminhos utilizados em épocas anteriores, devido ao piso barrento, impermeável e lamacento que torna impraticável a acção pedestrianista, os trabalhos culminaram com o êxito esperado e os restantes percursos, ali estão prontos, a serem utilizados em ambos os sentidos.

É deste modo que renovamos o convite de participação aos ainda indecisos, embora respeitemos a opção de escolha, entre ficar mais uns minutos na cama, e participar dominicalmente nas caminhadas que efectuámos nas matas periféricas ao Parque de Campismo de Esmoriz, mas não a defendemos porque estaríamos a ignorar uma forma fácil de praticar desporto em salutar convívio e franco companheirismo.

Victor Gomes

PEDESTRIANISMO E OS "MENINOS GORDOS"

Calçada do Passeio do Romântico "entre-quintas"

O motivo que levou algumas dezenas de pessoas ao Museu Soares do Reis no Porto, no dia 22 de Abril último, foi o mesmo que até àquela data e em dias posteriores, outras quantas mobilizou em torno do calendário trazido a público por aquela Instituição, subordinada ao lema "MENINOS GORDOS".

Das actividades que enriquecem o extenso programa, uma tónica de referência à exposição convertida ao título "UMA HISTÓRIA ATRAVÉS DA FAIANÇA", que desenvolve no seu tempo diferentes etapas que convidam a meditar seriamente numa realidade da sociedade moderna: a obesidade.

A difícil subida da Rua de S. João no Porto

Foi nessa linha de entendimento e orientação apontada ao combate daquele "grosso flagelo", que ao Clube de Campismo do Porto coube o honroso convite de participar e se fazer representar através da secção de Pedestrianismo e, assim, através das actividades calendarizadas por aquela Instituição, contribuir e fazer despertar a atenção para uma prática que ressuscita edificantes costumes.

A primeira dessas actividades, no dia 22 de Abril último e a segunda a 20 de Maio, foram cumpridas na forma descendente pelos caminhos do Passeio do Romântico até à marginal do Rio Douro e dali até à Ribeira, subindo depois as Ruas de S. João e Mouzinho da Silveira até S. Bento, voltando depois à esquerda tomando de subida as Ruas dos Clérigos e Carmelitas, passando à Praça Parada Leitão, Rua Clemente Menéres e finalmente a Rua D. Manuel II, ponto de partida, fechando o anel de 6.400 metros percorridos numa hora e dez minutos.

Merecida referência cabe fazer à Directora do Museu, Doutora Maria João Vasconcelos, pela honrosa recepção que sempre dispensa aos participantes no final das caminhadas e, seguidamente os acompanha em visita às exposições, num gesto cativante de particular distinção, caracterizado por inexcedível simpatia e interesse em fazer chegar os conhecimentos.

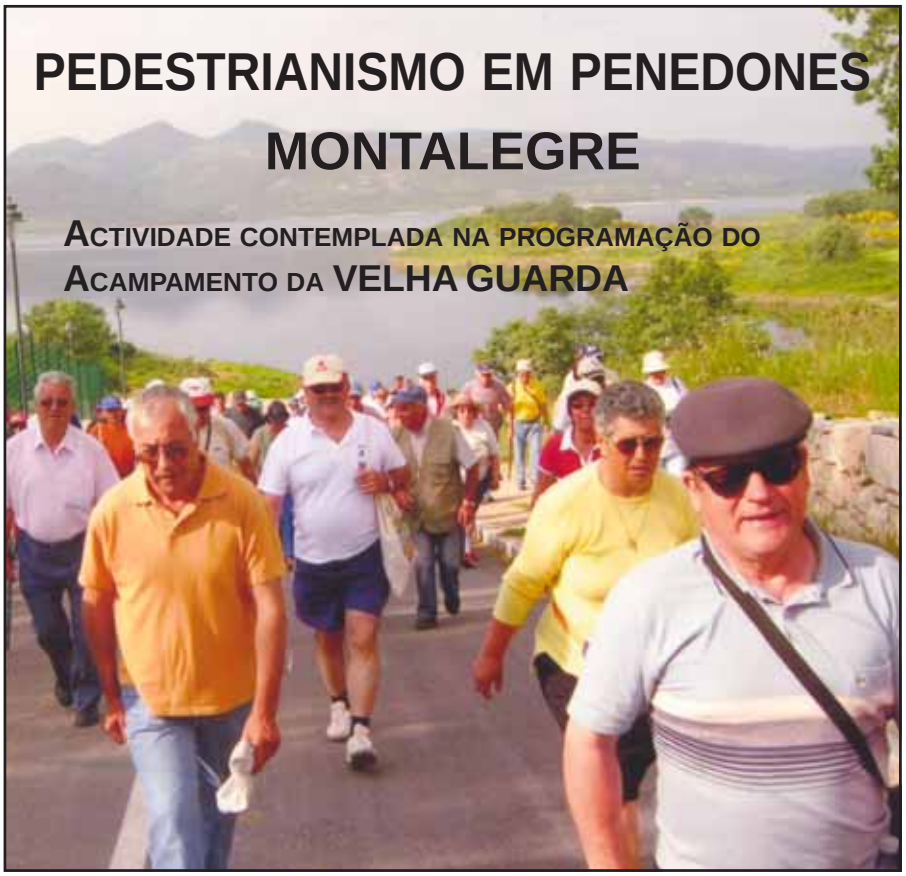
Outro sim à Doutora Vanda Monteiro, pelas atenções de que temos sido alvo, quer no encaminhamento das diligências com vista a um cabal cumprimento da nossa tarefa, quer na colaboração e participação activa nas caminhadas que levámos a efeito.

Cabe, por último, deixar um bem haja a todos os companheiros que a partir do Parque de Campismo de Esmoriz nos têm acompanhado, referência merecida a quantos vêm disponibilizando as suas viaturas de modo a podermos alcançar os objectivos programados.

Victor Gomes

PEDESTRIANISMO EM PENEDONES MONTALEGRE

ACTIVIDADE CONTEMPLADA NA PROGRAMAÇÃO DO ACAMPAMENTO DA VELHA GUARDA



Pouco mais de 5 Km obrigaram-nos ao reconhecimento em ambos os sentidos, por falta de acessos ao encontro dum percurso em circuito, isto porque o GR 117 assinalado à saída do Parque e que à partida nos parecia oferecer uma preciosa ajuda, de nada valeu, por uma das partes se afastar geograficamente do cenário paisagístico sobre a Albufeira do Alto Rabagão que nos propusemos defender e outra parte se encontrar submersa devido à subida das águas.

Sendo assim, a orientação feita por estima, que nos animou a ideia de virmos a encontrar uma passagem sem barreiras a partir da aldeia de Parafita, numa perpendicular descendente à Nacional 103 até à Albufeira, foi gorado por falta de acesso até junto do local onde o GR está submerso.

Deitado a perder, ficou assim o nosso trabalho nos 6 km de ida e volta à entrada daquela povoação, apesar do mapa que possuíamos. Valeram-nos as informações e alternativas sugestionadas pelos pescadores.

Abandonada a primeira, restava a segunda tentativa para fechar o circuito, agora pela marginal da Albufeira até ao local onde o caminho desse passagem.

Assim aconteceu, e a partir dali foi só descobrir a oculta picada e encontrar saída no sentido ascendente através da mata e de novo à EN 103, percorrendo cerca de 1.200 m.

Nesta passagem de reconhecimento, registe-se a título de curiosidade que o chão verde de mata, com alguma altura, obrigava aqui e ali a "apalpar terreno" para evitar desvios do trilho, condição exigível que nos levou até junto de uma verde e corpulenta cobra tentando engolir um sapo, imagine-se, coisa que tantas vezes somos obrigados a fazer sem esforço aparente...

Mas passemos à caminhada levada a efeito no sábado do Acampamento. Foram 156 participantes concentrados junto à recepção e dali saídos às 9 horas, começando por contornar a vedação e vencer a subida asfáltica tangenciada ao Parque até à periferia de Penedones.

Entrados na Nacional 103 sentido Este/Oeste, percorremos cerca de 2 km para voltarmos à esquerda descendo o trilho da mata, próximo da "morada da cobra" até à marginal da Albufeira, contemplando a via marginal até ao ponto de partida em circuito, a soberba paisagem que o local oferece. Não fosse a limitação imposta por falta de caminhos tangenciados à Albufeira, num raio de 4 km a partir do Parque, teríamos alongado o percurso e satisfeito a nossa vontade e a da maioria dos participantes. Todavia, a caminhada foi considerada um sucesso por parte de quantos nos acompanharam e regozijamo-nos pela cotação na positiva de conceituados companheiros da velha guarda, profundos conhecedores de actividades como esta.

Resta-nos agradecer a participação e colaboração de conhecidos técnicos e responsáveis da Federação de Campismo e Montanhismo de Portugal, bem assim aos companheiros de montanha, que de forma que lhes é distinta, se associaram e deram o seu melhor na segurança e aconselhamento a todos os participantes.

Victor Gomes

PEDESTRIANISMO EM VILA FRIA - FELGUEIRAS

A ideia que nos animou a levar por diante uma actividade naquela zona, partiu de uma visita feita em Março ao Parque de Campismo Municipal, quando alimentámos esperanças em ali podermos realizar o Acampamento Inter-Sócios.

Gorados os esforços naquele sentido, não arredámos hipótese em voltar mais adiante, dando corpo a uma acção que se nos adivinhava distinta, ou não fosse bastante o traçado histórico e paisagístico que os PRs oferecem.

Mas as coisas não se tornaram fáceis logo no reconhecimento, por falta de sinalização e num local onde ela existe não serve de orientação por obstrução do caminho, obrigando a utilizar um trajecto aconselhado por moradores, curiosamente num local onde se encontra uma sinalética de caminho não aconselhável.

Foi este "trocadilho" que nos iludiu na prática da actividade, metendo caminho por via errada, para não utilizar, como deveríamos, o caminho sinalizado como não aconselhável. O resultado foi que entroncámos com o PR 2 reduzindo ao percurso cerca de 1,5 km, desviando-nos do objectivo cultural que seguidamente visitámos fora do âmbito normal contemplado pela actividade, a cujo aumento no trajecto nos rendemos pelo castigo de palmilhar mais 2 km, isto já depois de termos dado uma volta pelo Parque de Campismo Municipal, local onde havíamos dado por terminada a caminhada.

Uma fase da actividade sobre pavimento asfáltico

A dobragem na Ponte do Arco

Mas, mereceu a pena; e quando esperávamos contemplar apenas de fora o Cruzeiro e o Mosteiro de Pombeiro, tido como o mais notável convento Beneditino do Norte de Portugal pelo papel que desempenhou na nossa História, fomos abordados por uma funcionária que se empenhou em nos acompanhar pelo interior com uma visita guiada, aproximando-nos da história que envolve aquele Monumento Nacional e o seu conjunto Igreja/Mosteiro que constituem um belo e importante exemplar da arquitectura românica e setecentista.

Dali ao restaurante do Sobrado, onde tínhamos encomendado o almoço, foi um pulinho, dando tempo para contemplar os magníficos espaços verdes que rodeiam uma vasta área de restauração que a todos fascinou, a ponto das sugestões para naquele local realizarmos a festa de encerramento da época em 7 de Outubro próximo.

Aquela hipótese sai reforçada não só pelo cuidado serviço de restaurante que nos foi dado à prova, como ainda pela área envolvente de largos hectares de terrenos de cultivo, floresta e minas de água que integram um cenário verde e paisagístico da mesma propriedade, também posto à nossa disposição para ali desenvolvermos na mesma data a habitual actividade pedestrianista.

Sobre o assunto, faremos a melhor divulgação na oportunidade.

Victor Gomes

Aspecto do salão onde foi servido o almoço

Secção de Cicloturismo

ROTA DO VINHO DO PORTO

ESMORIZ

Estimado Companheiro,

A Secção de Cicloturismo convida-o, mais uma vez, a fazer as tradicionais saídas de bicicleta aos domingos, a partir das 9 horas e 30 minutos, até ao Furadouro. Estas saídas são feitas em ritmo de passeio e são sempre uma oportunidade de franco convívio. Apareça!

O calendário de actividades está exposto à entrada do Parque.

DICAS IMPORTANTES PARA QUALQUER CICLISTA

Não use a bicicleta da mesma forma que usa um veículo motorizado.

O caminho mais seguro para a bicicleta pode ser diferente do automóvel. Nada é mais seguro que:

1. Usar o bom senso – use e abuse;
2. Ser cordial e simpático;
3. Ser bem visível;
4. Olhar lá na frente e antecipar os acontecimentos;
5. Sinalizar bem as suas intenções;
Sempre!
1. Usar equipamento bom;
2. Ser o mais suave possível na condução da bicicleta;
3. Preservar energia para o momento necessário;
4. Respeitar os outros e muito em especial os pedestres;
5. Pedalar à direita, em linha recta a 1 metro dos obstáculos.

Noventa e cinco porcento dos acidentes acontecem nos cruzamentos e esquinas e em contra-mão.

- Estabeleça contacto visual: olhe nos olhos e saiba o que o outro vai fazer.

- Hidratação constante; alimentação e alongamentos correctos. De noite, mantenha sempre os reflectores limpos e correctamente posicionados, e use farol e lanterna.

- Sinalize as suas intenções com antecedência.

- NUNCA pedale em contra-mão!

É a maior causa de acidentes graves.

- Siga o que manda a sinalização e o código da estrada.

- Pedale mantendo sempre a linha mais recta possível. Evite ziguezague e movimentos bruscos.

- Pedale à direita da via guardando pelo menos 1 metro dos obstáculos.

- Muito cuidado com as portas dos automóveis (que se podem abrir de repente).

- Evite o conflito com carros que viram à direita sinalizando antes o que pretende fazer.

Virar a esquerda é a situação mais perigosa para o ciclista. Mais da metade dos acidentes fatais ocorrem nesta situação.

- Em trânsito lento fique atrás do carro guardando boa distância: assim terá tempo para travar e não irá respirar fumos.

- Cuidado com buracos, valetas, bueiros e outros obstáculos.

- Respeite o pedestre: não o assuste, aproxime-se devagar, sinalize e só então passe.

- Cuidado com cães, crianças, skatistas ou corredores.

Este texto foi extraído do site:
www.escoladebicicleta.com.br
Aqui poderá encontrar mais artigos interessantes para os praticantes desta modalidade.

Manuel Amaral

Actividades de Pedestrianismo

A PÉ PROTEGENDO O LITORAL

Geminação Porto / Bilbau / Bordéus

Uma actividade pedestrianista que vingou debaixo de chuva nos primeiros trinta minutos, para depois nos dar tréguas até ao fim, apesar do vento forte que nunca cedeu.

Quase tudo a mãe Natureza encomendou para nos atirar naquela manhã, favorecendo-nos somente com a graça de nos castigar de costas na primeira etapa, para depois nos "dar" de frente, travando a nossa marcha de regresso ao ponto de partida.

Mas nada impediu a determinação que a todos envolveu para dar corpo a uma marcha pedestre a nível internacional, sabendo que na geminação com o Porto através do Clube de Campismo do Porto, do outro lado, em Bilbau, pelo "Bilbao Alpino Club" e em Bordéus, pelo "Touring Pédestre Bordelais", muito provavelmente à mesma hora, outros tantos companheiros testemunhavam o mesmo propósito: A PÉ PROTEGENDO O LITORAL!

Raramente nos dispomos a contemplar uma fatia do nosso litoral paisagístico igual ou idêntica àquela que escolhemos para este evento, do mesmo modo, também poucos de nós pensamos em contribuir para a forma de o defender, mesmo confrontado com a variedade de detritos que posaram à nossa frente, como que num bailado exibicionista provocante, face à nossa culpa e à impotência que sentimos em nada podermos fazer, mas sabendo que muito se pode evitar.

Foi essa a chamada de atenção e princípio de sensibilização que rodeou a nossa actividade, procurando dar-lhe um efeito de fundo que sustente uma defesa do litoral que se impõe a todos os níveis, ou não fossemos nós protagonistas duma missão que nos orgulhamos de ter levado a cabo em parceria com outros Clubes gémeos de ideais congéneres.

Foram 8 km não muito fáceis de percorrer pelas razões invocadas e como se não bastasse a contrariedade imposta pelo mau tempo, quando nos preparávamos para regressar a Esmoriz dominados pelo cansaço, fomos impedidos de o fazer por razões condicionadas a outras actividades nas imediações que levaram ao bloqueio do trânsito em toda a zona envolvente.

Como resultado, hora e meia de espera e um almoço tardio que para muitos dos que participaram só aconteceu por volta das 2 horas da tarde.

Obrigado, companheiros pela vossa colaboração e participação e, por via da chuva que nos fustigou, cuidemo-nos de qualquer gripe menos esperada; o compasso de espera que nos impuseram serviu ainda para retemperar forças e dar alento àqueles que correram sob os nossos aplausos.

Victor Gomes

COMO EU VI O X ACAMPAMENTO DA VELHA GUARDA

Estava eu agora aqui a lembrar-me de uma cantiga jocosa "pr'animar a malta", dos velhos fogos de campo, que dizia mais ou menos isto:

"Chegados ao acampamento, com maior ou menor jeito, cheios de 'satisfamento'(?) pomos o 'barraco' direito..."

Quando, na intenção de participar no X Acampamento da Velha Guarda, cheguei a Penedones, constatei que "barracos" já não havia, ou quase... mas muitas caravanas e autocaravanas – que isto de ser campista da velha guarda exige a sua dose de conforto – provenientes das mais diversas regiões do país e também da vizinha Espanha. Mas eram tantas – o parque de campismo estava declaradamente a abarrotar – que até foi necessária a boa-vontade de alguns Companheiros autocaravanistas para a permanência na estrada, no recinto defronte ao parque.

Toda esta afluência é perfeitamente justificável: a expectativa e confiança de uma boa organização dos companheiros do C.C.C. de Chaves e do C.C. do Porto, não faziam prever quaisquer falhas nesse sector.

E quanto à eleição do local? A quem se deveu a ideia peregrina da escolha de Penedones, Montalegre? Clima agreste, o contraste do muito quente e muito frio, a orografia acidentada de onde em onde quebrada por veigas fertéis... Decerto a quem bem o conhecia: nenhum Companheiro "Velha Guarda", do norte ou do sul, nacional ou estrangeiro, resistiria ao extraordinário cenário – e cenário parece-me uma designação apropriada ao momento – configurado pelo belíssimo espelho de água artificial da albufeira do Alto Rabagão, qual proscénio sem orquestra senão a da harmonia dos sons aquáticos, da avifauna e do chamamento ao longe de algum pastor de vezeira... Assim enquadrado, o palco da acção campista, com Penedones à boca de cena, como pano de fundo o altaneiro Montalegre e o seu castelo, ainda mais a norte o místico Larouco, teia dominada a sul pelo majestoso anfiteatro das alturas do Barroso – as serranias graníticas, a natureza, gentes, cultura, o contraste do antigo e da modernidade, a coexistência pacífica do profundamente religioso e do profano, tudo do mais belo e genuíno que ainda se pode encontrar em Portugal! Dos variados e interessantes eventos proporcionados pela Organização do acampamento, alguns dos quais com o oportuno apoio da C. M. de Montalegre e da Região de Turismo do Alto Tâmega e Barroso, nomeadamente passeios

A HOMENAGEM AOS "VELHAS GUARDAS"

JOAQUIM MEDON

JOSÉ PEREIRA

AUGUSTO AZEVEDO

ROGÉRIO CALDEIRA

ARTUR MONTEIRO

MÁRIO AGOSTINHO

pedestres e motorizados, convívios de fundo musical (Acordeões de Paredes do Rio), lanche/ jantar do dia 8, fogo de campo de grande participação, a emocionante Chega de Bois da raça barrosã, destaco a actividade de sexta-feira à noite (só podia ser sexta-feira e à noite!): as inestimáveis presenças do Grupo de Gaiteiros de Pitões das Júnias e do senhor Padre António Fontes, de Vilar de Perdizes, induziram uma atmosfera de misticismo e magia que transformaram o que poderia ter sido uma simples queimada, num momento alto do convívio campista e da comunhão com as acolhedoras gentes do Larouco/Barroso.

Momento alto foi também o da homenagem da manhã do dia 10 a seis campistas da "velha guarda nortenha" que muito fizeram ou têm feito pelo sucesso dos clubes e dos eventos desportivos do movimento associativo de campismo e montanhismo.

No final deste X Acampamento da Velha Guarda muitas foram as interrogações que me coloquei. Tornou-se-me bastante claro que o campismo definitivamente já não é o que era - como diria Luís Vaz de Camões, nosso expoente épico mas também poeta lírico, "...todo o mundo é composto de mudança".

Mas o companheirismo, com a nata dos campistas "velhas guardas", esse ainda é o que era!

E em homenagem aos companheiros que já nos deixaram, não posso deixar de dizer: Companheiro Mário Cardoso, presente!

"...É só até à vista, irmão..."

Licínia Caldeira B.

EU ESTIVE LÁ...

É verdade, estive presente no X Acampamento da Velha Guarda, o que me 'obrigou' a faltar a uma marcha de montanha. Como não tinha participado nos dois anteriores, isso incentivou-me a estar presente, na expectativa de rever companheiros de longa data.

O local era paradisíaco, com a albufeira de Pisões junto ao parque, beijando a montanha selvagem que nos rodeava. O tempo também nos ajudou, encobrindo e descobrindo e com apenas dois ou três aguaceiros a refrescarem o ambiente. O parque foi pequeno para tantos participantes, o que obrigou a que alguns tivessem de estacionar as autocaravanas em frente ao parque. Do programa fizeram parte uma visita à bonita aldeia de Parada do Rio, com apenas cinquenta habitantes, e uma chega de bois em Montalegre. Da visita à aldeia só não gostei de esperar mais de duas horas pelo autocarro mas, na verdade, não é fácil transportar perto de quinhentos campistas. Quanto à chega de bois, só fui para fazer companhia porque, como grande amigo dos animais, não me agrada vê-los a combaterem entre si.

O fogo de campo foi interessante e muito participado e, no último dia, antes do encerramento do acampamento, foram distinguidos seis companheiros pela colaboração prestada, ao longo dos anos, ao campismo nacional.

Gostei da organização e do local, mas sobretudo do convívio com companheiros que não via há muito.

Agora, todos desejamos que os 'Velhas Guardas' continuem!

Pinto Brandão

MATERIAL INSTALADO

33 tendas pequenas

7 tendas familiares

6 atrelados

37 caravanas

162 auto-caravanas

DISTÂNCIAS

O de mais longe (Portugal) veio de Sagres
O de mais longe (Espanha) veio de Gijon

467
PARTICIPANTES

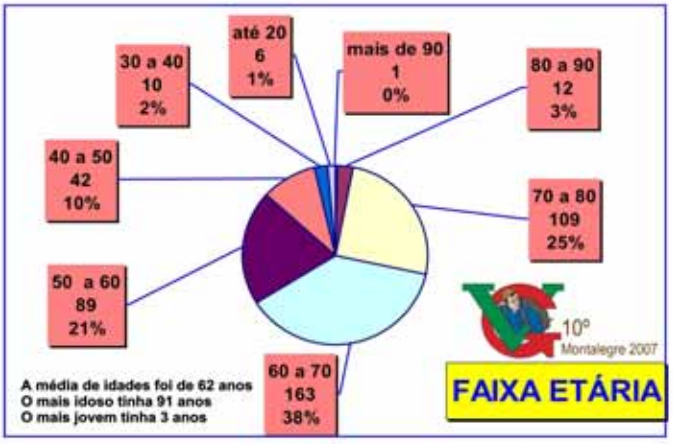
245
INSCRIÇÕES

DADOS ESTATÍSTICOS

(compilados por Jorge Agostinho | 13 Junho 2007)

CLUBE	INSCRIÇÕES
C.C.PORTO	28
C.P.AUTOCARAVANAS	23
C.C.C.BARCELOS	19
C.C.LISBOA	14
C.C.C.CHAVES	8
C.C.ESTRELA	8
C.C.C.GALICIA - VIGO	7
C.C.S.JOÃO DA MADEIRA	7
A.C.P.	7
C.C.C.ALCOBAÇA	6
C.C.C.ALMADA	6
C.C.C.GALICIA - OURENSE	6
C.C.C.OS NORTENHOS	6
C.C.TORREJANO	6
C.C.C.MATOSINHOS	5
C.C.C.ASTURIAS	5
SFUAP	4
C.C.ENTRONCAMENTO	4
C.C.MARINHA GRANDE	4
ACADEMICO F.C.	4
C.C.C.COIMBRA	4
C.C.BARREIRO	4
SINDICATO BANCARIOS SUL E ILHAS	3
C.P.CARAVANISMO	3
C.C.C.TORRES VEDRAS	3
ASOC.A.AFILADOR - OURENSE	3
ACD "OS ILHAVOS"	2
ATENEU DE COIMBRA	2
C.C.AMADORA	2
C.C.BOMBARRAL	2
C.PROPAGANDA NATAÇÃO	2
C.C.C.AGUEDA	2
TIRO DA EXTREMADURA	1
SPORTING POMBAL	1
SPORT LISBOA E BENFICA	1
NUCLEO CICLOTURISMO FAMÕES	1
LUSO FUTEBOL CLUBE	1
GRUPO VANGUARDA	1
G.D.PESSOAL FORD LUSITANA	1
G.D. "O VIGOR DA JUVENTUDE"	1
FEDER. ESPANOLA CLUBES CAMPISTAS	1
CLUBE INDUSTRIAL DESP. VIEIRENSE	1
C.VUCANENCE	1
C.RECREAT. DESP. DE TRANCOUZO	1
C.PALMEIRAS	1
C.LUZ E VIDA	1
C.C.VILA REAL	1
C.C.TROFA	1
C.C.OURENSE	1

REPRESENTAÇÃO COM BANDEIRA



A média de idades foi de 62 anos
O mais idoso tinha 91 anos
O mais jovem tinha 3 anos

GRANDE ACAMPAMENTO INFANTIL

E VÃO... DEZ CONSECUTIVOS!

Subordinado ao lema " Água é um bem precioso", com a colaboração da FCMP, levámos a efeito nos dias 14 e 15 de Julho último o 10.º Grande Acampamento Infantil no espaço florestal tangenciado à Nascente do Parque de Campismo de Esmoriz, desfrutando de um cenário cuidadosamente preparado para aquele efeito.

A partir do Prado das Cabaninhas, local escolhido para a concentração da juventude campista, dos seus monitores e demais colaboradores, feita a distribuição por equipas e entrega das lembranças, subimos em direcção ao acampamento para as cerimónias do hastear das bandeiras e abertura oficial por parte do presidente do Clube de Campismo do Porto, Carlos Alberto Azevedo.

Nesta cerimónia, para além da presença de 3 membros da direcção da FCMP contámos com a componente directiva do CCP e de todos os participantes no Acampamento, dos pais e familiares dos pequenos campistas e demais utentes do Parque que nos quiseram honrar com a sua participação.

Das intervenções alusivas ao momento e entrega de lembranças a alguns agraciados, destaque feito a uma largada de balões azuis/brancos, símbolo da água e convite ao respeito pela sua defesa e poupança, logo partimos para o início das provas contempladas no programa, pondo à prova a perspicácia da massa campista em matéria consignada em esquemas próprios que os conduziram dentro do Parque, por equipas, na companhia dos seus monitores, a diversos locais onde a água passa e é factor preponderante.

Outros jogos e puzzles se seguiram já no interior do acampamento, dando também espaço a demais divertimentos concebidos pelas animadoras Ana Sousa e Márcia Neves, que começaram no Prado das Cabaninhas com a pintura de "gotas de água" na face da pequenada e se prolongou a seu tempo, fazendo as delícias de todos antes do almoço, este, servido por volta das 13 horas.

A parte da tarde foi preenchida com uma visita programada ao Centro de Educação Ambiental das Águas do Douro e Paiva, local para onde nos deslocámos de autocarro às 14.30 horas.

Embora aquele organismo disponha de programação para satisfazer a curiosidade dos visitantes durante um dia inteiro, o pouco tempo que levávamos obrigou a um excerto iniciado com um filme sobre a captação, tratamento e distribuição da água às localidades divulgadas, seguido de indicação sobre 2 pontos de captação visíveis sobre o Rio Douro, a partir do salão panorâmico e envidraçado no local onde nos encontrávamos. Os conselhos sobre consumo e formas de evitar desperdícios, foram tidos em linha de conta, subindo de tom uma réplica para casos pontuais de esbanjamento que requerem toda a atenção e/ou denúncia.

Como foi necessário fazer 2 grupos, alternados entre si, procurando uma forma prática de cativar atenções e evitar cansaço e atropelos no seio de tão elevado número de participantes, enquanto uns, ouvindo as explicações e aguardando vez frente a um microscópio, podiam lanchar, o segundo grupo, frente ao aquaterrário observava e ouvia as explicações sobre as diferentes espécies de peixes e plantas aquáticas ali existentes, com uma curiosidade que a todos surpreendeu: o tratamento dos peixes em água doce dentro do aquaterrário passa pela mistura de sal doseado consoante o volume de água; no caso concreto 4 kg de sal para a quantidade de água existente no aquaterrário.

Alguns aspectos ocorrem-nos salientar nesta visita, por marcarem a diferença:

- A recepção por parte dos monitores junto ao autocarro;

- A pesquisa sobre o efeito da acção que desenvolveram e interesse em esclarecer as dúvidas;

- A entrega de lembranças aos pequenos visitantes;

- O acompanhamento de volta ao autocarro.

Fica o nosso *bem haja*!

Regressados ao acampamento, houve tempo para descanso e duches antes do jantar, porque acto contínuo se adivinhava uma agradável noite de convívio no simulacro de Fogo de Campo, com permissão de acesso a quantos quiseram assistir e que decorreu bastante animada sob a orientação dos companheiros Eduardo Neves e Zé Mi, conhecedores e habituais colaboradores nestas coisas do Karaoke.

Chegou a hora do recolher e o silêncio e, sem desprimor para quantos deram o seu melhor nesta envolvente, merecida referência à criatividade do trabalho desenvolvido pelas

"sobrinhas" Ana e Márcia, que de uma forma que lhes é característica se associaram à segurança nocturna do acampamento, acompanhando com as suas graças, madrugada fora, os vigilantes escalados para o serviço de ronda e assistência e até num lanche por volta das 4 horas conseguiram aguçar o nosso apetite sobre os panados que havia sobrado do jantar, sem nos lembrarmos da panela do pica-pau que havia sido preparado de véspera com tanto cuidado, para nos "abastecermos" durante a noite. A manhã despontou com o peso de uma "directa" e o amarelo do Sol a pintar por entre os pinheiros, para logo nos deixar um pesadelo com os primeiros pingos de chuva, como que em perfeito enquadramento sobre o tema que presidiu ao Acampamento, sem contudo nos demover dos intentos em continuar.

Ainda com algumas hesitações, pouco depois as nossas esperanças ruíram perante uma chuva copiosa que não mais nos deixou, encharcando tudo e todos, obrigando a um rápido e aturado esforço de contactos para fazer chegar os pequenos campistas aos pais antes do pequeno-almoço, e ponto final.

Resta-nos deixar os nossos agradecimentos a quantos trabalharam dando o seu melhor ao serviço do 10.º Grande Acampamento Infantil, esperando que o 11.º, possa alcançar melhor sorte, meteorologicamente falando.

Victor Gomes

COISAS DA VIDA...

O quotidiano de todos nós propicia flagrantes com alguma graça, que por vezes convidam à divulgação pelo maior ou menor grau humorístico que caracterizam.

É nesse contexto que se me oferece trazer algumas dessas histórias, passe embora a antiguidade que pesa sobre alguma delas.

A primeira remonta aos meus tempos de tropa (40 meses todos em Angola) e retrata uma requintada e embaraçosa bronca à boa maneira local, perante a qual não houve força capaz de suster, nem tão pouco remediar. E passo a citar:

Estávamos em Dezembro de 1963, numa soalheira manhã de domingo, altura em que na Escola de Aplicação Militar de Angola (EAMA) em Nova Lisboa, hoje cidade do Huambo, decorria a festa de encerramento do Curso de Sargentos Milicianos (CSM), do qual eu fazia parte integrante.

Por entre as centenas de civis que presenciavam a cerimónia, contavam-se bastantes militares que não dispensavam a utilização do seu receptor de rádio para ouvirem o matinal programa de discos pedidos pelos ouvintes. Estava então em voga a passagem dos discos de um conhecido humorista português. A dada altura, no ponto alto da cerimónia, o silêncio absoluto que se fazia sentir foi "cortado" por uma fina gargalhada em coro de toda a assistência, seguida de um "fung-fung" desconcertante mas inevitável de toda a parada em sentido, na mira atenta de uma soberba postura das altas patentes na tribuna de honra, exibindo a custo uma indignação descarrilada e sem jeito de controlo!

Isto porque, um rádio receptor, algures lá no meio do público assistente, em perceptível atrapalhação do seu operador, entre sintonia e volume, deixou escapar o seguinte trecho partitivo:

- Está lá? ... É da fábrica de material de guerra?

A segunda das histórias recua um pouco mais no tempo e visa como personagem de título um familiar meu, hoje com 67 anos. Passo a citar, com todo o respeito:

A miudagem dos anos 50 de uma conhecida localidade transmontana, aliciada pelo entusiasmo, empenho e dedicação que o povo empresta anualmente aos festejos do Senhor dos Passos, seu padroeiro, resolveu fazer uma réplica da procissão.

Vai daí que, dentre os figurantes escolhidos, tocou a sorte a um dos miúdos, hoje meu cunhado, de envergar o papel de "padroeiro"!

De saia e descalço, com um farrapo enrolado à cabeça, uma velha "azeiteira" enfiada num pau ao ombro, meio ajoelhado numa padiola carregado por 4 "obreiros", lá seguia empoleirado ao som da "música" que também não faltou. A dada passagem do evento presenciado por alguns populares, o "Senhor dos Passos" para espanto de todos, libertou-se como pôde do pau e azeiteira, pulou do "andor" e fugiu a todo o gás com a saia entre pernas até desaparecer na primeira esquina; e ponto final na "procissão".

Soube-se afinal que o rapaz teve razões acrescidas para se pirar. De cima da padiola, no meio da assistência, o "Senhor dos Passos" descortinou a presença do pai que gestualmente lhe deixou perceber que a merenda, muito provalvelmente, lhe sairia indigesta em resultado do seu envolvimento em tal "acto religioso".

A terceira e última das histórias, sustenta uma reflexão sobre ditos enganosos, que os "mais crescidos" utilizam para incutir medo nas crianças face às inocentes traquinices. Passo a citar:

O meu neto de 4 anos desde muito cedo ganhou pavor à trovoada, devido ao factor culpa atribuído a alguns familiares e amigos, que aproveitando a passagem do respeitável fenómeno, sempre lhes servia de pretexto para argumentar que aquele barulho no Céu é Jesus a ralhar aos meninos pelas diabruras cometidas.

Certo dia, numa sufocante tarde de calor sobre a localidade transmontana onde residem, pairou forte trovoada e, repentinamente um trovão à vertical rebentou capaz de ferir os tímpanos.

O meu neto, apavorado, de mãos a tapar os ouvidos, desatou a gritar enquanto se abeirava da mãe, soluçando:

- Jesus! Não fui eu, foram os outros miúdos!...

Victor Gomes

Actividades Culturais e Recreativas

DIA DA ÁRVORE

COMEMORADO EM ESMORIZ

25 MARÇO

Nem a adversidade imposta pelas condições de tempo conseguiu beliscar o entusiasmo que moveu a pequenada e seus familiares, sempre atentos e curiosos para o lado destes eventos.

Com a mudança da hora, chuva, vento, algumas abertas e as reticências daqueles que ainda hesitaram, lá foram aparecendo a "conta gotas" na sala de reuniões do Clube, local onde nos refugiámos com um número de aderentes possível, mas determinado à participação.

Por razões bem diferentes, nem tempo deu para vacilar ao jovem casal convidado a estar presente e nos deliciar com mais uma jornada de agronomia, a par da plantação de novas árvores, por súbita e acometida ausência, caída em graça, pelo nascimento do seu "rebento", que não se fez esperar. Aproveitamos daqui para desejar ao jovem casal e à sua filhota as maiores felicidades.

Intervenção do Presidente do CCP sobre a comemoração do Dia da Árvore

Plantação de uma árvore pela pequena participante

Demonstração dos cuidados a ter na plantação duma árvore

Sendo parte integrante desta comemoração a sensibilização dos participantes para a importância das árvores, em salutar convívio toda a pequenada presente desenhou e pintou à sua maneira, uma qualquer árvore, com curiosas legendagens apostas à imaginação de cada um.

Paralelamente foram sendo desenvolvidos alguns temas que enriqueceram os nossos conhecimentos em matéria de produtividade em relação a algumas árvores, alusão feita ao sobreiro, também conhecido por sobro, espécie escolhida pelo presidente Carlos Alberto para exemplificar como é importante proteger e esperar durante nove anos para que se lhe possa extrair a cortiça.

A importância da árvore, as diferentes fases de crescimento e os inconvenientes advindos pelos maus-tratos, tema desenvolvido pela companheira Rosário Rocha, ajudaram melhor a compreender a relação de proximidade e comportamento que nos é requerido naquele domínio.

No decurso de uma atractiva exibição de quadros por parte da companheira Rosa Miranda, foi sequencionalmente ilustrada uma história sobre a árvore, o seu crescimento, tratamento, até à fase da transformação e utilização da madeira nos diversos afins.

Entretanto, a manhã começou a dar um ar de melhor graça e permitiu avançar ao ponto mais aguardado e atraente do programa: a plantação de árvores.

Por entre as diversas espécies, referência feita ao pinheiro, como árvore predominante no Parque de Esmoriz.

Água no fundo da cova, um pouco de estrume, o cuidado ao envolver o frágil tronco com a terra, a "grelha" e/ou escora para protecção no crescimento, foram pontos a considerar exemplificados ao vivo a quantos acompanharam a tarefa.

Por último, uma ronda às espécies anteriormente plantadas, a exemplificação do crescimento ao longo dos anos e o trato individual dispensado pelos utentes que as detêm no perîmetro dos seus alvéolos.

Victor Gomes

DIA MUNDIAL DO LIVRO

Inserido no âmbito cultural que o programa de actividades contempla, a comemoração em Esmoriz do Dia Mundial do Livro foi palco de marcante participação, ou não fosse o brilho proveniente das histórias com que a Dra. Alzira Lopes já nos habituou, a contrastar com o do Sol, face às tréguas negadas pelo mau tempo que se fez sentir naquela manhã de domingo.

Os temas escolhidos para comemorar o evento dariam para um vasto desenvolvimento noticioso, mas o cartaz que nos merece registo e motivou naturalmente um expedito comportamento juvenil, girou em torno de uma história ilustrada, extraída do livro "A Bruxa Mimi", que vivia numa casa preta na floresta, com todo o recheio e roupas pretas e até o "Rogério", seu gato companheiro, também ele preto, apenas se distinguia pelos olhos no meio de toda aquela "pretalhada".

Em resumo, naquela casa, ao estilo "tudo preto", a confusão instalou-se por via da bruxa a tropeçar no bichano, este deitado no sofá a ficar debaixo da bruxa, explodindo de raiva e um sem número de tropelias dentro e fora de casa, que só viriam a terminar, passo a passo, com a varinha mágica e o Abracadabra a repor finalmente a normalidade com novos coloridos, o sossego, e dá também um respirar de alívio expectante de toda a pequenada assistente.

Foi assim, também ao nosso estilo que não deixámos passar em claro esta importante festividade.

Finalizamos com os nossos agradecimentos à Dra. Alzira Lopes pela sua disponibilidade e, a todos quantos estiveram connosco e ajudaram de algum modo a abrilhantar o evento.

Victor Gomes

ACTIVIDADES DESPORTIVAS

ESMORIZ

Na sequência informativa afixada muito recentemente, a prática dos torneios utilizada em anos anteriores foi substituída pelas denominadas "tardes desportivas" para jovens dos 5 aos 14 anos, por escalões e por idades, a enquadrar nas diversas modalidades contempladas no programa.

Sobre esta inovação, iniciada a 2 de Junho, daremos ampla informação à medida que o desenvolvimento o venha a requerer, tanto mais que o trabalho em curso pretende contemplar e associar a prática à massificação.

Foi nessa ordem de programas que o Conselho Técnico Desportivo cumpriu a primeira das jornadas na área do andebol, numa forma de aconselhamento e orientação técnica que as imagens documentam.

Victor Gomes

DIA MUNDIAL DA CRIANÇA

ESMORIZ
3 JUNHO

Em actividades de louvável iniciativa, tem sido fértil o trabalho desenvolvido pelo Conselho Técnico Cultural e Recreativo que, e uma vez mais, com a prestimosa colaboração do Grupo de Teatro Renascer da cidade de Esmoriz, das animadoras Ana e Márcia que se têm afirmado no seu trabalho de representação humorística, e do jovem e bem conhecido grupo "Folk-Dance Sofia", tomou em ombros e promoveu a comemoração no Parque de Esmoriz do Dia Mundial da Criança.

Para este evento, deu o seu toque de fundo a servir de palco, o verdejante Prado das Cabaninhas com as vestes alusivas que já lhe são características, a completar um cenário festivo que a todos surpreendeu, animado pelos raios solares que naquela manhã apontavam por dentre o pinheiral.

O tempo prometia e ajudou com as temperaturas bastante agradáveis, as inscrições iam sendo feitas à entrada do recinto com entrega simbólica de lembranças e tudo era chegado a postos para início das festividades perante uma significativa assistência que aguardava ali ao lado.

Em resumo das passagens em representação, honra seja feita ao meritoso trabalho do Grupo de Teatro Renascer com a representação das peças "Rato da Cidade e do Campo" e a destemida "Corja de Piratas", entre ondas, equipados a rigor sob o comando do zarolho e sinistra figura do capitão gancho e perna-de-pau.

Está de parabéns o companheiro João, como responsável, bem como toda a componente de teatro.

Exemplar ovação cabe também ao jovem grupo composto pela Cláudia, a Filipa, a Nédia, a Sandra e a Sofia, que já nos habituou com as suas danças e cantares coreográficos, e passe a ironia do título, que ao contrário pretende vincar o mérito na representação e vontade inexcedível de colaboração.

Com a sua honrosa presença, contámos entre nós, o professor Alcides Alves, digníssimo presidente da Junta de Freguesia da cidade de Esmoriz e habitual orador nestas festividades a quem apresentamos os nossos agradecimentos pelas especiais referências.

A finalizar este evento foram servidos lanches a toda a pequenada

participante, animadoras e demais colaboradores e ao Grupo de Teatro Renascer que a partir dali, outro local os esperava para novas actuações.

Por último, cabe deixar um *bem haja* à componente do Conselho Técnico Cultural e Recreativo pelo meritoso trabalho desenvolvido, bem assim a quantos de alguma forma se empenharam e colaboraram na preparação e acompanhamento das festividades.

Victor Gomes

FEIRA DE ARTESANATO

PARQUE DE ESMORIZ

Enquanto no ano passado se fizeram mostras individuais de Artesanato em 3 fins-de-semana diferenciados, no ano em curso optou-se por dedicar um único fim-de-semana à realização de uma Mini-Feira de Artesanato que teve lugar no aprazível Prado das Cabaninhas do Parque de Campismo de Esmoriz.

Assim, em 7 e 8 de Julho, sete artesãos e um expositor animaram aquela zona do Parque, mostrando os seus dotes para a execução de artefactos e naturalmente provocando a admiração de centenas de campistas que nos dois dias passaram pelo recinto, admirando as peças já acabadas e expostas e apreciando a arte em que os artesãos as executavam.

Sem qualquer sentido de secundarização dos restantes, não podemos deixar realçar o carinho que mereceram do público os instruendos e trabalhos por si executados da CERCI de Santa Maria de Lamas, bem como a curiosidade suscitada pela demonstração do ciclo da seda proporcionada pela representação da Associação para o estudo e defesa do Património e Artesanato de Freixo-de-Espada-à-Cinta.

Além dos anteriormente citados, participaram ainda na Feira os seguintes artesãos: Fernanda Carneiro, do Porto (Bijouteria), Joana Oliveira, do Porto (Decoração de Vidros), José Matos, de Esmoriz (Esculturas em Madeira), Licínio Sousa, da Marinha Grande (Fabrico de Vidro) e Maria Eugénica Ferreira (Trabalhos em Lã).

Carlos Azevedo

FESTIVAL DE FOLCLORE EM ESMORIZ

21 de Julho foi a data escolhida pelo Conselho Técnico Cultural e Recreativo para a realização do tradicional dia de Folclore no Parque de Campismo de Esmoriz, este ano chamado de "Festival de Folclore do Parque" dada a quantidade de grupos intervenientes.

Na verdade, foi-nos possível ter pela primeira vez, no mesmo dia, 4 Ranchos Folclóricos, tendo 2 deles, o Grupo de Danças da Associação de Reformados da Telecom e o Grupo de Danças e Cantares de Cortegaça actuado durante a tarde perante pouco público. À noite, já com a esplanada repleta de campistas, exibiram-se o Rancho Regional de Fânzeres (Gondomar) e o Grupo de Danças e Cantares de Santa Maria de Esmoriz.

Tivemos assim uma demonstração dos usos e costumes, trajes e cantares da Beira Litoral e Douro Litoral para deleite de quantos apreciam as tradições das nossas gentes.

Finalmente o apontamento de o Grupo de Danças e Cantares de Cortegaça já se comprometeu a vir ao Parque em Janeiro de 2008 cantar as Janeiras, enquanto o Rancho Regional de Fânzeres prometeu actuar na tarde de Folclore/2008 do Parque do Penedo da Rainha.

Carlos Azevedo

FOLCLORE EM AMARANTE

Uma vez mais a direcção do Clube, com a preciosa colaboração do Conselho Técnico da Cultura e Recreio (Delegação do Parque do Penedo a Rainha), levou a efeito, no passado dia 30 de Junho no belíssimo Parque de Amarante, a já tradicional "Tarde de Folclore".

Desta feita, o numeroso público presente de onde se distinguiam facilmente alguns estrangeiros, foi brindado com uma excelente actuação do Rancho Folclórico de S. Simão, freguesia do concelho das Faldas do Marão, que através das suas Danças e Cantares mostrou os usos e costumes etnográficos do extremo ocidental do distrito do Porto.

A deslocação do Rancho Folclórico de S. Simão ao Parque de Campismo do Penedo da Rainha foi obsequiada pela Câmara Municipal de Amarante, pelo que aqui deixamos os nossos agradecimentos ao chefe do gabinete da sua presidência, Dr. Hélder Ferreira, pelo seu empenhamento na concretização do nosso pedido.

O Grupo Folclórico foi, como é óbvio, homenageado pelo nosso Clube que através do vice-presidente para a área de Tesouraria e Finanças , Augusto Álvaro, lhe ofertou um troféu alusivo ao acto, tendo seguidamente decorrido um lanche-convívio.

Carlos Azevedo

O NOÉMIO PARTIU...

A notícia chegou de chofre: o Noémio partiu para a mais longa marcha! A primeira reacção foi de incredibilidade, pois como seria possível tão cruel notícia se ainda na véspera estivera no Café Ceuta na cavaqueira e a "gabar-se" da sua saúde? Mas, infelizmente, era verdade, havia partido sem nos avisar e discretamente, como, aliás, era seu hábito...

O nosso Companheiro Noémio Lago, sócio número um do C.C.P. e, portanto, um dos seus fundadores, foi o último de um grupo que lançou, espalhou, dinamizou e prestigiou o Movimento Campista não só a nível local, como nacional e, até, internacional.

Várias vezes foi presidente do Clube e participou nos corpos directivos da Federação. Sempre soube impor e fazer respeitar os ideais campistas, e, como é óbvio, era um defensor acérrimo da Natureza.

Nomeadamente, nos anos cinquenta, em que o Movimento Campista sofreu os maiores e mais tormentosos assédios políticos, deve-se à sua perspicácia que o Clube tivesse sido pouco molestado pelo poder de então.

Para nosso mal, foi-se afastando lentamente das actividades campistas, mas nunca se alheou do que se passava no seu seio. Foi graças a ele e ao seu valioso arquivo, que ainda recentemente, tivemos conhecimento e foi possível divulgar alguns documentos que fizeram a história do nosso Campismo. Muito mais haveria a dizer, mas, por agora, limito-me a dizer:

Adeus, até à vista...

Sebastião Silva

ERNESTO SOARES

A tua memória impede-me de escrever um turbilhão de coisas boas, que mereces. Mas vou recordar uma pessoa simples, um amigo. Um coração tão grande, tão grande, que não aguentou mais. Recordo-me de uma noite num acampamento infantil em que tu colaboravas comigo, deste-me forças para continuar e desistir dos meus intentos, lembro-me nesse dia de me teres abraçado e me dizeres que fazias parte da minha família, e fazias mesmo pois a AMIZADE que nutria por ti ainda perdura.

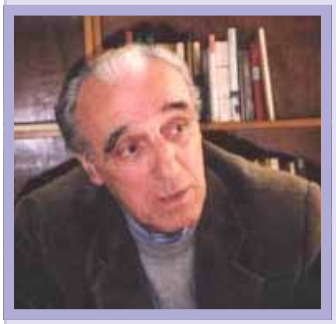
Tenho orgulho em dizer que fui e sou AMIGO do Ernesto.

Não pares por aí, continua perfumando o céu e o ar que respiramos com a tua bondade, a tua humildade e o empenho que sempre demonstraste nas tarefas que abraçavas.

Conforme se diz na "Canção da Despedida", despeço-me com um,

HAVEMOS DE NOS VER IRMÃO!

José Azevedo



CARLOS SOARES

Morreu mais um Velha Guarda do Clube de Campismo do Porto.

Carlos Pereira Soares, cedo começou a praticar campismo e militância política, a que se manteve fiel até morrer.

Fez parte dos órgãos sociais do C.C.P. e, sempre que solicitado, nunca regateou prestimosa colaboração nos eventos de vária índole, levados a efeito pelo Clube.

Homem de cultura, para além do mais, deixou-nos no passado dia 28 de Maio.

Até à vista Companheiro.

Manuel Marinho

MÁRIO CARDOSO

Faleceu no passado dia 16 de Julho, o Companheiro Mário Cardoso.

Companheiro destacado no Movimento Campista, foi ao longo de sessenta anos de actividade, um verdadeiro elemento de acção.

Nos longos anos que serviu o Movimento, como dirigente no seu Clube de sempre e na nossa Federação, sempre pautou as suas intervenções como um verdadeiro executivo.

Ainda há bem pouco tempo e já bastante debilitado pela doença que em breve o levaria, esteve incansável na coordenação do Acampamento da Velha Guarda, que o nosso Clube levou a efeito com o CCC de Chaves.

À família enlutada, manifestamos os nossos mais respeitosos cumprimentos, comungando na sua dor, desejando paz eterna à sua alma.

Mário Agostinho

Atelier Maria dos Anjos

CULTURA NA SEDE

Tivemos mais dois grandes momentos culturais na nossa sede social, protagonizados por duas exposições de duas grandes senhoras da arte, que nos trouxeram trabalhos de uma beleza e sensibilidade artísticas que, na sequência de Alzira Lopes e José Cardoso, marcaram definitivamente este Ciclo Cultural 2007, independentemente da qualidade das realizações que levaremos a cabo até ao final do ano.

Em Abril tivemos Maria dos Anjos Marques cuja obra assenta em técnicas versáteis de pintura em porcelana e óleo. O seu talento tem no seu mestre Ramiro Relvas um dos maiores admiradores, que em 1987 não se coibiu de escrever sobre a sua discípula: "*A tua sensibilidade é uma jóia que deslumbra*". Pensamos que depois desta frase do Mestre Ramiro Relvas nada mais temos a dizer sobre Maria dos Anjos Marques, resta-nos, simplesmente, agradecer-lhe ter proporcionado a exposição dos seus trabalhos a quem quis visitar a nossa sede social durante esse período.

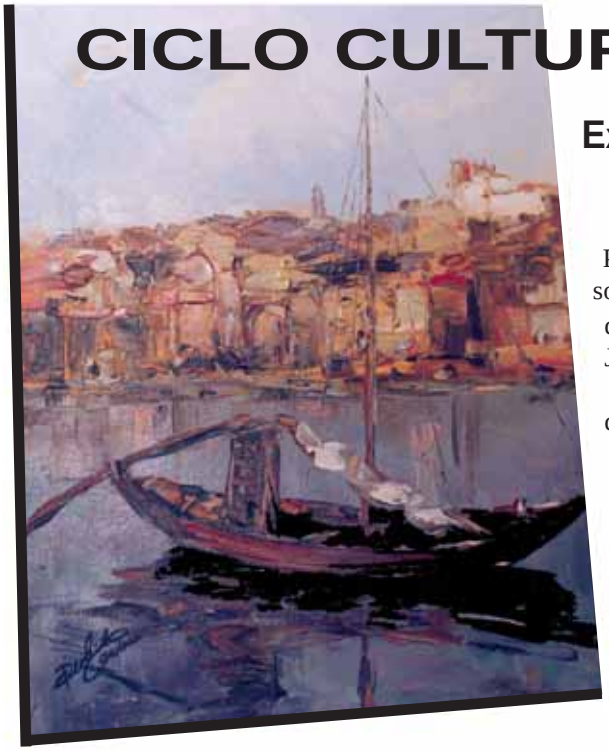
Em Maio tivemos o grato prazer de receber e expor o trabalho de Odete Peleira que ao intimismo da sua origem africana juntou o dinamismo e criatividade da terra transmontana onde normalmente vive, a longínqua Freixo-de-Espada-à-Cinta. A frase que melhor se aplica ao seu trabalho é: "Nada se perde, tudo se transforma …" porque a sua criatividade vagueia pelos materiais reciclados à base de trapos, papeis, pastas, onde depois se vão juntar cascas de árvore, frutos, areias, conchas e lindíssimas pinturas em vidro, tecido, madeira, metal, os trabalhos em pedra, a moldagem. Enfim, é o prazer oferecido aos nossos

Odete Peleira

olhos feito a partir daquilo que no dia a dia olhamos com indiferença. O sector cultural do CCP agradece a Odete Peleira ter trazido à nossa sede uma das exposições mais bonitas e criativas do artesanato contemporâneo de qualidade, mas acima de tudo, quer agradecer o exemplo de simplicidade e humildade que soube transmitir-nos. Obrigado Odete Peleira!

Durana Pinto

CICLO CULTURAL 2007 NA SEDE



Exposição de pintura de DEOLINDA CARDOSO

13 a 26 de Outubro

Passou a época de Verão e as actividades culturais voltam à nossa sede social dando continuidade ao que o Pelouro da Cultura do CCP denominou de Ciclo Cultural 2007 e por onde já passaram artistas como Alzira Lopes, José Cardoso, Maria dos Anjos Marques e Odete Peleira.

A nossa próxima convidada será Deolinda Cardoso, uma pintora que enveredou pela pintura a óleo, com uma vasta obra que reflecte uma grande harmonia, resultante de uma enorme sensibilidade, como sobre ela escreveu o pintor Francisco Camarinha.

Porque queremos fazer da nossa sede social mais um pólo de cultura da Cidade do Porto, convidamos não só os sócios do CCP, mas os portuenses em geral, a visitarem a exposição da pintora Deolinda Cardoso que será inaugurada no dia 13 de Outubro, pelas 15 horas, e estará patente ao público até ao dia 26, durante as horas de funcionamento da sede do CCP.

Durana Pinto

ESCOLA NACIONAL DE MONTANHA

Tomada de Posse do Núcleo da Região Norte

A pedido da Federação de Campismo e Montanhismo de Portugal, teve lugar na sede do Clube de Campismo do Porto no passado dia 11 de Abril a tomada de posse do Núcleo da Região Norte da Escola Nacional de Montanha.

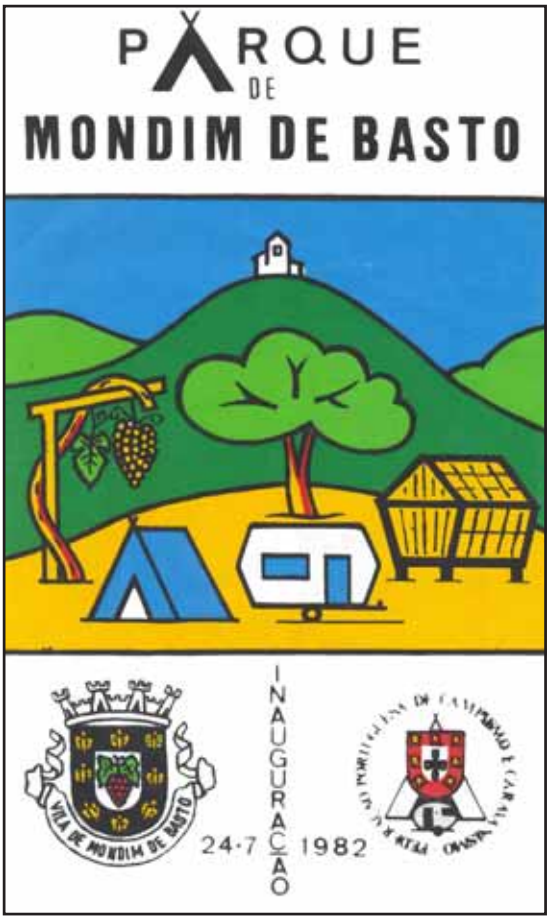
A cerimónia, que foi presidida pelo Presidente do CCP, companheiro Carlos Alberto Azevedo, na qualidade de Presidente da Mesa da Assembleia Geral da FCMP ladeado pelo presidente da Federação e pelo Secretário da ENM, foi simples mas carregada de simbolismo dado que se assistiu, inequivocamente, a mais um acto de regionalização no Movimento, facto que o Presidente da FCMP no discurso que proferiu optou por denominar de "*delegação de poderes ou descentralização*", tendo justificado tal decisão porque "*…está no Norte um grande peso do montanhismo e seria um erro não descentralizar a Formação*".

Nuno Prisco e Paulo Mota Oliveira, sócios do nosso Clube, que aceitaram o desafio de coordenar a Comissão Instaladora do Núcleo Norte da Escola Nacional de Montanha têm pela frente uma árdua tarefa e saberão, seguramente, dar resposta aqueles que já a maldiziam, mesmo antes da sua existência.

A bem do Movimento, da modalidade e do prestígio do CCP, desejamos-lhes os maiores êxitos.

Durana Pinto

O PARQUE DE CAMPISMO DE MONDIM DE BASTO FEZ 25 ANOS



Este aprazível Parque, situado na margem direita do Rio Cabril, afluente do Tâmega, de águas limpas e frias, foi inaugurado em 24 de Julho de 1982.

Faz parte da rede de parques privativos da nossa Federação.

Nasceu, assim como outros, da necessidade de dotar o movimento, em franca expansão, de instalações próprias, de boa qualidade e com preços acessíveis. Fruto das prospecções que então se faziam, para encontrar espaços adequados à prática do campismo, veio encontrar-se este local de 2 hectares, com a preciosa colaboração da autarquia local.

Se a memória me não falha, o terreno foi adquirido por 700 contos (moeda antiga), vindo este valor a constituir subsídio, a fundo perdido, concedido à F.P.C.C. pela Câmara Municipal de Mondim de Basto, por decisão unânime do seu Executivo e Assembleia de então.

Presidia aos destinos da autarquia o saudoso engenheiro Nuno Noronha, pessoa de fino trato e esmerada educação, inexcedível, assim como toda a sua equipa, nos apoios de vária ordem que permitiram levar a bom termo esta obra feita em tempo recorde, inaugurada com pompa e circunstância, e acampamento da praxe.

Será bom recordar, passados 25 anos, os "três mosqueteiros" da equipa técnica da Federação, companheiros Carlos Cruz, Manolo (já falecidos) e Adérito, que todos os fins-de-semana, com chuva ou sol, rumavam de Lisboa a Mondim para "dar o corpo ao manifesto", na montagem das redes eléctrica, águas e outros serviços, fiscalizando ainda as obras que, entretanto, os empreiteiros iam realizando.

Grandes companheiros!

E, como a memória de muitos é curta, será bom lembrar também o empenho que o Clube de Campismo do Porto teve, a vários níveis, em todo este processo de criação do Parque.

Nesse mesmo ano, de 1982, o C.C.P. através da sua secção de Montanha, realizou na região de Mondim de Basto, duas iniciativas de relevo, antecendo a inauguração do Parque.

A 29 de Maio e no Dia Internacional da Criança, levou à Escola de Bobal - Anta, uma das escolas mais serranas e inóspitas do concelho, teatro de fantoches, palhaços, jogos, concurso de desenho, com distribuição de guloseimas.

De 24 a 27 de Junho realizou o VI Acampamento Nacional de Montanha, com o patrocínio da Federação, no Vale das Gevancas, em Bilhó.

Foi um bom acampamento, duro e muito participado, em que o frio, à noite, era tanto que até a pasta de dentes gelava!

O C.C.P. festejava o seu 35.º Aniversário!

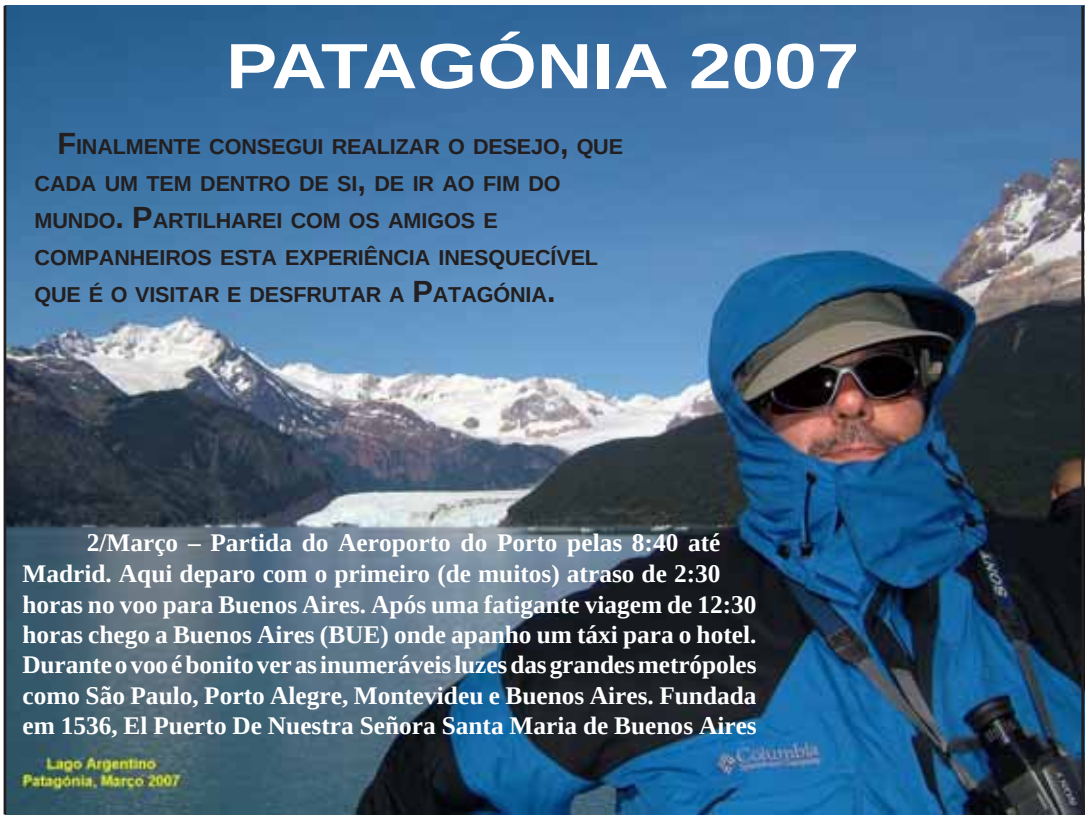
Durante 20 anos o C.C.P. administrou o Parque, ali enterrando "uma pipa de massa" sem que daí resultasse qualquer benefício extra para os seus associados, para além dos concedidos a qualquer companheiro titular de Carta Campista.

E assim se faz história...

Manuel Marinho

PATAGÓNIA 2007

Finalmente consegui realizar o desejo, que cada um tem dentro de si, de ir ao fim do mundo. Partilharei com os amigos e companheiros esta experiência inesquecível que é o visitar e desfrutar a Patagónia.



2/Março – Partida do Aeroporto do Porto pelas 8:40 até Madrid. Aqui deparo com o primeiro (de muitos) atraso de 2:30 horas no voo para Buenos Aires. Após uma fatigante viagem de 12:30 horas chego a Buenos Aires (BUE) onde apanho um táxi para o hotel. Durante o voo é bonito ver as inumeráveis luzes das grandes metrópoles como São Paulo, Porto Alegre, Montevideu e Buenos Aires. Fundada em 1536, El Puerto De Nuestra Señora Santa Maria de Buenos Aires é uma cidade cosmopolita com cerca de 14 milhões de habitantes e de fácil orientação pois as suas enormes avenidas estão dispostas num sistema de quadrícula. O pior é as enormes distâncias que, quem gosta de conhecer em pormenor, tem de percorrer devido aos km de extensão de cada avenida. Nas jornadas dedicadas a Buenos Aires percorremos sempre mais de 30 km diários. O povo argentino é amável e não tivemos quaisquer problemas de segurança, só alguns cuidados no bairro de La Boca.

3/Março – Comecei a minha visita a BUE por La Recoleta onde visitei o famoso cemitério com jazigos marmóreos e criptas imponentes guardando os restos mortais da elite (presidentes, militares, políticos, heróis, etc.), de realçar o jazigo de Eva Perón (Evita) e a adoração permanente do povo. A seguir visitei a Basílica da Senhora del Pilar, igreja barroca e simples mas muito agradável. Em frente existe uma Feira de Artesanato muito popular com artigos originais e bonitos, lá comecei a gastar dinheiro (é para o que serve). Almocei no "San Juanino", restaurante típico que faz as melhores empanadas de BUE. À tarde, passeio pela Avenida 9 de Julho (a mais larga do mundo) e outras avenidas impressionantes com o seu fervilhar de gentes e veículos. Regressei cansado ao Hotel onde encontrei uma companheira do Porto. Ao jantar tomamos contacto com a gastronomia argentina começando pelo "bife de chorizo".

4/Março – Começámos cedo a visita a alguns das centenas dos alfarrabistas e lojas de discos existentes em BUE, os preços são baratos e de perder a cabeça. De seguida visitámos o bairro de *San Telmo*, zona de artistas, que conquistou a sua fama devido às violentas lutas de rua contra as tropas britânicas em 1806, e onde, aos domingos, funciona o famoso mercado de velharias onde se pode comprar de tudo a preços acessíveis. Almoçámos no restaurante do mercado e fomos de seguida ao colorido bairro de *La Boca*. Fundado por imigrantes italianos no séc. XIX ao longo do *Riachuelo*, é o coração do Tango principalmente na rua *Caminito*, popular passeio pedonal e antiga via do caminho de ferro onde se vende artesanato e assiste ao vivo a essa dança quente e apaixonante. No estádio de *La Bombonera* jogava o "Bocas Júnior" e o ambiente futebolístico em redor é qualquer coisa de vibrante. Regressámos pela famosa *Plaza de Mayo*, onde as "Mães de Maio" pedem contas pelos entes queridos desaparecidos durante a ditadura e de costas para esta praça está a *Casa Rosada* (Palácio Presidencial) onde, da sua varanda, Evita arrebatou milhares de argentinos. Chegámos ao Hotel onde encontrámos o resto do grupo.

5/Março – Mais uma manhã dedicada às compras e a visitar BUE. De tarde fomos para o Aeroparque (aeroporto dos voos domésticos) para apanhar o avião para Calafate, mais 3 horas de atraso devido à incapacidade dos radares para gerir tanto tráfego aéreo. Chegámos ao final do dia e com muito frio.

El Calafate é uma pequena cidade considerada a porta de entrada do P. N. dos Glaciares e que tem crescido exponencialmente devido ao turismo. Este crescimento do turismo na Patagónia leva a que uma região praticamente desértica esteja a atrair e fixar milhares de trabalhadores (essencialmente jovens) de outras regiões da Argentina. O turismo aqui praticado tem ofertas diversificadas, é honesto e de qualidade. *EL Calafate* passou de uma simples muda de cavalos e uma taberna, nos inícios do Sec. XX, para uma cidade com

hotéis, restaurantes, *shoppings*, discotecas e até estão a construir um casino. À noite comemos uma boa "*parrillada*" de carnes, regada com o bom vinho argentino. Ficámos instalados no *Hostal América del Sur* que tem boas instalações para este tipo de alojamento.

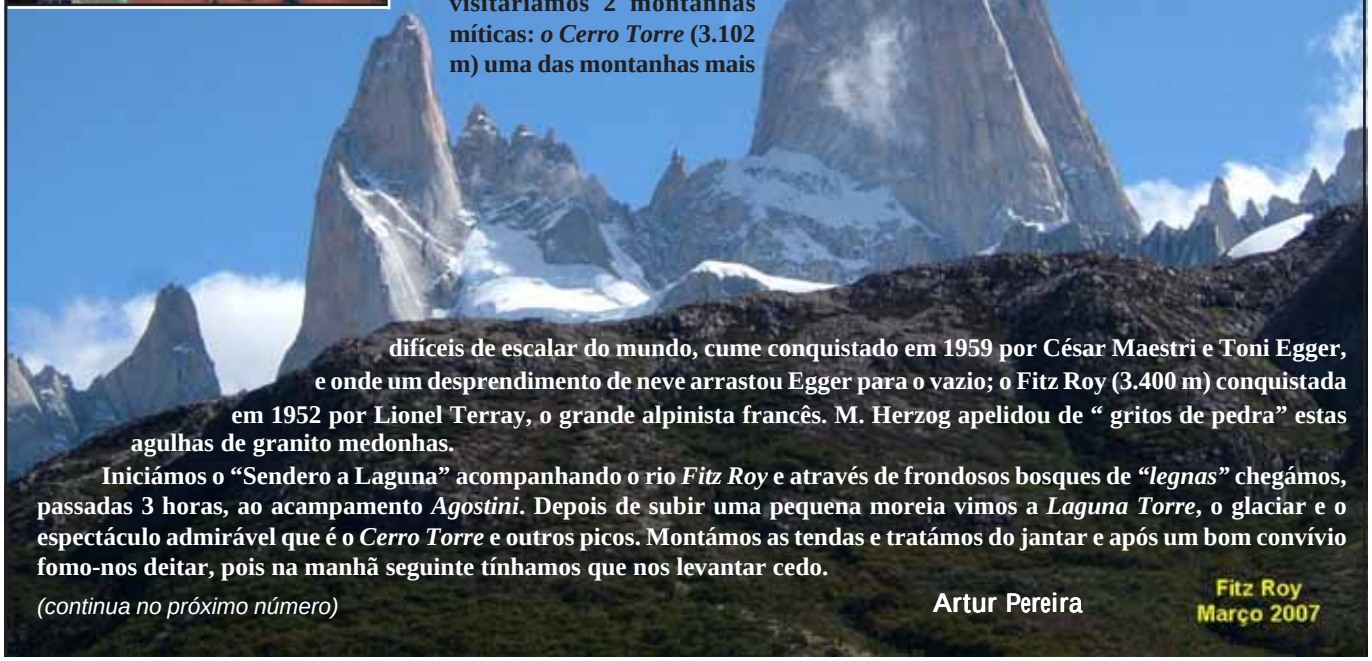
6/Março – Dia destinado a visitar o famoso Glaciar *Perito Moreno*, situado no Lago Argentino. Apesar das muitas imagens já vistas nos "media" sobre este Glaciar, a realidade supera a imaginação. Iniciámos uma pequena marcha por um promontório que acaba num miradouro a poucos metros desta enorme massa de gelo com 70 m de altura, 3 km de comprimento e 200 km^2 de superfície. Centenas de máquinas de filmar e fotografar esperam o mágico momento em que se desmorona uma enorme massa de gelo troando na sua queda. Passámos um dia óptimo admirando esta enorme força da natureza. Regressámos com pesar a *El Calafate* onde passeámos e vimos o pitoresco e a diversidade de construções. Jantámos no restaurante "Vaca Atada". Gostaria de referir o bom tempo que tivemos em toda a nossa estadia na Patagónia. Segundo a guia turística só há 20 dias por ano de bom tempo (sem fortes ventos e tempestades), nós gastámos 12.

7/Março – Visita de barco ao Lago Argentino e a alguns dos 356 glaciares do P. N. Glaciares. Este lago é a segunda maior reserva mundial de água doce e tem uma superfície de 1.600 km^2. Saímos de *Puerto Bandera* e dirigimo-nos ao seu braço norte através da *Boca del Diablo*, onde começámos a encontrar alguns dos inumeráveis icebergs que veríamos neste passeio. Estes enormes blocos de gelo flutuante (só 1/7 está fora de água) desprenderam-se dos glaciares e tem uma vida média de 2-3 meses antes de se desintegrarem. O 1.º Glaciar visitado foi o de *Spegazzini*, com 66 km^2 de superfície e sua parede com 135 m de altura, fora de água, mais 20 m sob. É um espectáculo deslumbrante e podemos observar os glaciares menores em regressão. Aliás, todos os glaciares, excepto o de *Perito Moreno*, estão em regressão devido às alterações climáticas. Continuando o nosso passeio fomos até à ilha *Onelli*, a qual atravessámos por um "sendero" entre árvores "legno" a maioria derrubadas pelos fortes ventos que se fazem sentir na Patagónia. Chegando à Baía e Glaciar com o mesmo nome, almoçámos o nosso farnel pois o restaurante existente na ilha é caro e serve pessimamente.

Regressámos ao barco e fomos ver o Glaciar *Upsala*, o maior de todos (595 k^2 de superfície) com 60 km de comprimento, e na frente do qual se encontram os grandes blocos de gelo com formas bizarras e belas, flutuando à deriva o que demonstra a enorme regressão deste glaciar. Voltámos a *Puerto Bandera* mas depois de termos ido ver um enorme icebergue que, devido à erosão, se tinha voltado recentemente. Foi um magnífico espectáculo ver aquele azul tão vivo e brilhante. Jantámos no *Hostal*, um peixe assado no forno, preparado por nós e após bom convívio fomos à deita.

8/Março – Levantámo-nos cedo para uma viagem de autocarro (4 horas) até *El Chalten*, capital do *trekking*. Esta viagem decorre na mítica R40 (estrada transamericana) em terra batida com uma paragem no "Hotel Leona" que é um tasco simples mas com um bom café e um pão de banana delicioso. Nesta viagem interiorizamos a vastidão e a solidão da Patagónia, região extensa com "*estâncias*" do tamanho de um país europeu. A monotonia da paisagem é sobressaltada pela

fugaz aparição dos *guanacos*, espécie de lamas de pêlo curto. Contornámos o Lago *Viedma* e já com a cordilheira dos Andes no horizonte chegámos a *El Chaltén*, povoação fundada em 1985 e com casas em madeira estilo alpino. Sobressai a capela *Los Austríacos*, virada para a cara do *Fitz Roy*, é uma homenagem ao alpinista austríaco Toni Egger que perdeu a vida numa avalanche quando escalava o *Cerro Torre*, acompanhado por César Maestri. Erguida em 1995 com materiais e trabalhadores vindos da Áustria, tem inscrito, nas suas paredes, os nomes de todos os alpinistas mortos no *Fitz Roy* e montanhas adjacentes. Após termos comido qualquer coisa, iniciámos a nossa aventura de 3 dias em completa autonomia (mochilas com 20 Kg às costas) em que visitaríamos 2 montanhas míticas: *o Cerro Torre* (3.102 m) uma das montanhas mais



difíceis de escalar do mundo, cume conquistado em 1959 por César Maestri e Toni Egger, e onde um desprendimento de neve arrastou Egger para o vazio; o Fitz Roy (3.400 m) conquistada em 1952 por Lionel Terray, o grande alpinista francês. M. Herzog apelidou de " gritos de pedra" estas agulhas de granito medonhas.

Iniciámos o "Sendero a Laguna" acompanhando o rio *Fitz Roy* e através de frondosos bosques de "*legnas*" chegámos, passadas 3 horas, ao acampamento *Agostini*. Depois de subir uma pequena moreia vimos a *Laguna Torre*, o glaciar e o espectáculo admirável que é o *Cerro Torre* e outros picos. Montámos as tendas e tratámos do jantar e após um bom convívio fomo-nos deitar, pois na manhã seguinte tínhamos que nos levantar cedo.

(continua no próximo número)

Artur Pereira

Fitz Roy
Março 2007

Correio do leitor

PORTUGAL 2050

PEDESTRIANISMO NA ROTA DO DIGITAL

Nos últimos meses tem-se assistido um acréscimo significativo do número de queixas face ao aumento de publicidade nos percursos pedestres. Ainda há uns dias um casal se queixava do seguinte modo:

«Estávamos na ponte da Misarela com os miúdos a filmar e de súbito surgiu um vídeo holográfico de grande dimensão a publicitar os novos vídeos-jogos infantis da Toys'R'Us. Nunca mais tivemos sossego! O mais novo não se calou o resto do percurso a dizer que queria o novo modelo, quando ainda há 2 semanas lhe comprámos um bem jeitoso.» contou a mãe ao que o marido aduziu «Sim porque nós tínhamos escolhido a opção do percurso com publicidade moderada e aquilo era mais uma avalanche. Logo umas centenas de metros adiante estávamos a atravessar um pequeno riacho diante de uns belos exemplares de carvalho alvarinho quando nos surge novo vídeo holográfico anunciando a saída da nonagésima colectânea do "Quim Barreiros" com novos remixes. E ainda por cima, que exemplo são aqueles para as crianças? Definitivamente tornou-se impossível apreciar os espaços naturais com este sufoco de anúncios. E para além disso o usufruto de 'Publicidade Zero' nos percursos é só para a carteira dos ricos.»

Na realidade, sobretudo ao ECI (Instituto Europeu do Consumidor) e à PNP (Património Natural de Portugal) têm chegado cada vez mais queixas relativas ao significativo aumento da publicidade nos percursos, mas também sobre grupos juvenis que percorrem ao fim-de-semana as áreas de maior tráfego dos percursos pedestres apenas para causar desacatos e danificar o que lhes surge pela frente, ou do excessivo número de vendedores ambulantes, mendigos, seitas religiosas, e até de políticos que aproveitam a maior disponibilidade de tempo das pessoas para lhes impingiram os seus produtos, mais ou menos materiais.

Todos sabemos que hoje já não restam quaisquer percursos para se inventar, e em nenhuma parte da superfície terrestre. A esse propósito, foi lançado esta semana no nosso país um novo software, o UltraTrekker, da Sony, usando tecnologia Toryl, que apresenta já a capacidade de projectar acima de 3 mil percursos pedestres diferentes por cada 500 Km^2, através de múltiplas combinações de locais. Ao leque de opções do utilizador também foi acrescido novas opções como "tipo de fauna" ou "tipo de piso" ou mesmo "índice de poluição" ou "índice de delinquência".

O UltraTrekker vem apetrechado de inúmeros conteúdos digitais, podendo ser criado uma imagem holográfica de um Guia (a 3 dimensões) que nos acompanha e nos vai descrevendo (a nível paisagístico, ecológico, geográfico, cultural, histórico, etc.) os lugares por onde vamos passando, recorrendo para isso a uma imensa gama de elementos multimédia. Por outro lado, este guia virtual, apresenta-nos múltiplas sugestões de modo que podemos a qualquer momento mudar a rota antes definida. Na versão Premium do UltraTrekker pode mesmo ficar registado em vídeo toda a caminhada que realizámos (nem que seja para mais tarde recordar...).

Nas zonas de maior protecção ambiental, como é o caso de algumas áreas do Parque da Peneda-Gerês, da Serra da Estrela ou do Marvão ficou regulamentado que o UltraTrekker apenas poderá definir até 50 percursos por cada 200km^2, restringindo mesmo o seu alcance em algumas zonas mais recônditas, de modo a aliviar a pressão turística e de lazer sobre essas zonas. Aliás, nas áreas de maior protecção ambiental os percursos passíveis de serem percorridos estão definidos de modo deveras rígido. Aos infractores (entenda-se pessoas que se desviam dos percursos autorizados) é-lhes imputado dezenas de horas de trabalho comunitário, nomeadamente na recolha de lixo desses e outros percursos.

Entretanto decorre uma interessante exposição no antigo Centro Interpretativo do Mezio, sobre a 1.ª geração de percursos pedestres, na altura (até finais da década de 20) ainda sinalizados com marcas de tinta. Podem ainda ser realizadas viagens virtuais por esses percursos sentindo a vegetação, vendo os animais, as casas, os campos agrícolas como eram há cerca de quatro décadas atrás.

Fernando Vilarinho

OBRIGADO, COMPANHEIRO CALDEIRA

Muitas vezes te disseram o mesmo, "obrigado Caldeira", mas este é o meu obrigado ao companheiro Rogério Caldeira, pelo exemplo de entusiasmo, boa disposição e humildade que me deu, ou melhor nos deu, no passado dia 21 de Abril de 2007, numa, já várias vezes tentada, e finalmente conseguida marcha aos Prados da Messe.

Já tínhamos tentado ir da Portela de Leonte aos Prados da Messe regressando pela Albergaria, mas nunca lá tínhamos chegado, e as razões do fracasso foram sempre de natureza meteorológica. Recordo-me da última tentativa na Páscoa de 2006 em que o granizo e o nevoeiro espesso não nos deixaram passar da zona do Borrageiro, onde também nessa altura o companheiro...

Caldeira nos mostrou que é preciso estar preparado para nunca perder o bom senso e saber renunciar. Foi a atitude correcta e que certamente nos livrou de problemas maiores.

Desta vez alguém, com conhecimentos acima da média, enviou e-mail a quem superintende na meteorologia e tivemos um dia cinco estrelas.

A marcha começou, e cerca de 40 companheiros montanha acima lá iam queimando a gordura acumulada, excepto o companheiro Caldeira, esse não acumula gordura. Chegados aos Prados do Vidoeiro, a 1.ª sensação é que também há montanhas "planas" e que bem que sabe espraiar o olhar pelo prado e respirar com algum desafogo.

Mas vamos que se faz tarde, a próxima paragem para respirar mais pausadamente é no entroncamento do trilho para os Prados de Teixeira, aí podemos admirar a paisagem, é lindo o panorama e a grandeza da Serra. Mas, logo que chegam os últimos da fila, rodamos à esquerda direitos à zona do Borrageiro. Foi até aqui que chegámos da última tentativa e que o nevoeiro, qual muro branco à nossa frente, nos devolveu à origem.

Desta vez tudo estava perfeito, paragem para reagrupar e eis que somos surpreendidos por uma brigada da GNR, não, não era da BT, pois aqui a velocidade é pouca, mas era uma brigada vocacionada para a vigilância da natureza. Com muita educação e uma atitude muito pedagógica, estes GNR'S também gostam da montanha, foram-nos dizendo que de futuro é conveniente solicitar à Direcção do Parque autorização para fazer este tipo de actividade, indicando o percurso que se pretende efectuar, tornando assim mais fácil o socorro em caso de necessidade. Depois de uns minutos de cavaqueira um companheiro mais cansado resolveu descer com os elementos da GNR, nós continuámos até aos "Conhos" onde matámos a fome e retemperamos forças para o resto da jornada. Mais meia hora e chegámos aos famosos Prados da Messe, estávamos no coração da Serra do Geres. O panorama é soberbo.

O companheiro Caldeira partilhou connosco algumas deliciosas histórias dos primeiros tempos do montanhismo em Portugal e de alguns acampamentos onde participou. Foram bons momentos em que escutámos as aventuras e desventuras dos pioneiros destas coisas.

Quando nos preparávamos para continuar rumo a Albergaria, um companheiro descobre uma víbora, já o Caldeira ia a liderar a fila a meia encosta, mas ao grito "VÍBORA" meia volta é executada num ápice e numa corrida digna de gente mais nova o Caldeira estava com a víbora pendurada pelo rabo numa demonstração de saber, permitindo assim que este animal se tornasse com certeza absoluta o mais fotografado, neste século, de todos os animais existentes no PNPG.

Devolvida a víbora à natureza, continuámos até à descida que nos levaria a Albergaria e à estrada de acesso à Portela de Leonte onde tinham ficado os carros.

Foi para mim um dia que não vou esquecer, como tal, pretendo com este singelo e desajeitado texto agradecer este dia ao companheiro Rogério Caldeira. Muito obrigado.

Joaquim Mendes

NA PÁSCOA PORQUÊ?

Este ano realizou-se o XIX Encontro Peninsular de Montanha, em Montalegre e, como sempre, no fim de semana prolongado da Páscoa.

Esta actividade foi iniciada em 1985, com a intenção de juntar os montanheiros portugueses e espanhóis, alternadamente em Portugal e Espanha.

No entanto, o número de presenças tem rondado uma média de 180 e, deste número, só cerca de trinta a trinta e cinco são espanhóis, mesmo quando a actividade se realiza no país vizinho.

Depois de ter pensado sobre as razões de tão fraco número de participantes, cheguei à conclusão que a data escolhida para o evento não é a melhor por três motivos. O principal é que a Páscoa ainda é, para muitos, uma festa religiosa a respeitar, para outros é o encontro com familiares e o terceiro são os que aproveitam o fim de semana prolongado para fazer turismo com a família. Ora, como esta actividade de montanha se resume a uma marcha seguida de jantar e a uma pequena visita turística no domingo de manhã, não tenho dúvidas que qualquer fim de semana normal, seria mais favorável a todos.

Sei que, inicialmente, o acordo sobre esta actividade foi feito entre a Federação Portuguesa e a Federação Madrilena e aí, ainda podiam argumentar que as distâncias eram grandes e, por isso, eram necessários mais dias. Neste momento, em que o acordo é entre a Federação Portuguesa e a Federação Galega, com as boas estradas, e a proximidade da Galiza, é muito fácil a deslocação em ambos os sentidos.

Devido à pouca aderência que esta actividade tem tido, sugiro aos responsáveis das duas Federações que alterem a data da mesma para um fim-de-semana normal. Conheço montanheiros portugueses, habituais em todas as outras marchas, mas que não aparecem no Encontro Peninsular de Montanha, precisamente por se realizar na Páscoa.

Aqui fica a minha opinião, coincidente com a de muitos com quem tenho falado, pelo que deixo nas mãos dos responsáveis federativos a solução para o assunto aqui exposto, esperando que, no futuro, muitos mais companheiros possam vir a participar nesta actividade.

Pinto Brandão

OS AMANTES DE TALMA

Passados 10 anos (20 de Março de 1997) sobre a primeira Mensagem do **Dia do Teatro Associativo**, e da divulgação do seu Manifesto, que o **AMASPORTO** instituiu junto dos Amadores das Associações, coube ter o previlégio de ser o Mensageiro deste Dia, no ano do **13.º Encontro de Teatro Associativo**.

Apesar de 10 anos, e como diz a cantiga *"é muito tempo"*, é meu entendimento, que no Teatro, *"é pouco tempo"*, por isso, a necessidade de continuarmos a lembrar, que o "nosso Teatro"deve ser, na continuidade revitalizado,e os Amadores,seus praticantes, alertados para o conhecimento e para a importância da RESPONSABILIDADE DE SER AMADOR DE TEATRO. Quando no Manifesto, digo:

« ...o Teatro de Amadores das Associações tem de facto um "papel principal" no desenvolvimento cultural dos locais e regiões onde está inserido...» e ***«...tal como no ensino básico, o Teatro Associativo é uma "escola" necessária no desenvolvimento social...»*** quero dizer, que nos devemos orgulhar da Grande Região do Teatro, que é a dos Amadores das Associações, sobretudo, se atendermos à importância que o **Movimento Associativo** tem na sociedade, através das suas actividades.

Daí, que devemos, TODOS E CADA UM, com a dignidade que o Teatro nos merece, sermos em cada ensaio, em cada espectáculo, todos os dias... um artista, relançando o significado que tem o "nosso Teatro".

E quando se falar na "reforma artística", devemos antes, e por isso ser prioritário, saber o que significa, a RESPONSABILIDADE DE SER AMADOR DE TEATRO.

A criatividade, o espírito de sacrifício, a solidariedade, quando aliados a uma saudável aprendizagem associativa, são verdadeiramente bases socioculturais importantes, que o Teatro coloca à disposição da sociedade, substituindo em grande medida o *"papel principal"* dos governantes. Então, chegados a este conhecimento, sabemos, que com a nossa *"mão-de-obra barata"* colocamos à disposição da grande maioria da população, o nosso trabalho técnico/artístico, e que prestamos um serviço sociocultural à sociedade.

Companheiros,

Não é pelo facto de sermos compulsivamente apaixonados "AMANTES **de Talma**", que a nossa paixão é CEGA. Hoje, cada vez mais é necessário saber "suar a camisola" .

XIII ENCONTRO DE TEATRO ASSOCIATIVO

AMASPORTO 2007 RAMALDE

ORGANIZAÇÃO DA COMP. TEATRAL DE RAMALDE DA ASSOC. 26 DE JANEIRO

PROGRAMASPORTO

3 de Novembro - Grupo de Teatro Contracorrente- Porto
24 de Novembro - Teatro Amador de Loureiro - Oliv.de Azemeis
1 de Dezembro - Bankuiteatro- Grupo de Teatro do BES - sPorto
15 de Dezembro - Teatro Flor de Infesta- S.M. Infesta
29 de Dezembro - Escola Dramática de Valbom - Gondomar
12 de Janeiro-GRIC - Teatro da Lourocoop - Lourosa
19 de Janeiro-ACGICTAR - Teatro e Cultura de Jovim - Gondomar
2 de Fevereiro - Companhia Teatral de Ramalde - Porto
3 de Feverreiro - Cerimónia de Encerramento /Atribuição dos "Prémio Talma"

Espectáculos (aos sábados-21,45h.) na Sala -Teatro do 26 de Janeiro
Encerramento- 16 horas –Auditório da Paróquia da Igreja de Ramalde

AO TEATRO ASSOCIATIVO

Todos sabemos o que temos feito, mas, o que muitos não sabem, é o significado da RESPONSABILIDADE DE SER AMADOR DE TEATRO. Sabemos que a tarefa não é fácil, pois infelizmente, ainda há muito boa gente, que julga que o Teatro, nas Associações, é uma actividade de recreio, ou de lazer, e pior, é quando pensam que pelo facto de ser AMADOR... é desculpa! E mais, não se importam nada de ouvirem dizer *"Pra amadores não está mal"* e até considerem um elogio.

É urgente dizer, a quem assim pensa, o que significa a RESPONSABILIDADE DE SER AMADOR... DE TEATRO, ou, de outra qualquer **Actividade Artística Associativa.**

Companheiros,

Não é minha intenção**" meter o nariz no pó do palco dos outros",** mas é meu entendimento, o quanto é prioritário, alterar esta forma de estar e pensar, não só para com o Teatro, mas, com todas as **Artes dos Palcos Associativos**.

Todos nós já recebemos muitas manifestações de apreço de Organismos, de Instituições e Personalidades, que nos dizem, que estamos no caminho certo, e que o serviço que prestamos e colocamos à disposição da população, é uma Mais Valia Sociocultural, Associativa e Artística, mas, apesar de todos estes incentivos, temos que, (peça a peça) ano após ano, melhorar o nosso trabalho, para que não considerem os nosso pedidos de apoio, uma exigência fútil, mas sim, uma pretensão que nos assiste, quando queremos melhorar as condições do nosso trabalho, e servir com qualidade as populações.

Também sabemos, e temos disso consciência, que a pretensão que temos para com o "nosso Teatro", só é possível com o apoio indispensável de parceiros interessados no crescer cultural da nossa terra.

E quando digo "crescer", refiro-me particularmente ao crescimento cultural das crianças, dos jovens, e por que não, dos adultos. E assim, será muito mais possível, acreditar num futuro melhor.

Num futuro, onde hajam mulheres e homens com motivação para investirem, não só no seu crescimento social, e na sua qualidade de vida cultural, mas também, contribuir para o desenvolvimento do local onde estão inseridos.

Mas para isso, não chegam só as boas vontades, o voluntariado, ou até, ter gente com mais ou menos capacidades técnicas e artísticas, pois sabemos, que cada vez mais, a tecnologia é indispensável nos meios de produção. Hoje, mais do que nunca, a utilização de meios técnicos, faz parte da formação e do trabalho de cada um. Hoje, a qualidade de vida, tem que passar pela utilização das novas tecnologias. Cabe, por isso, aos dirigentes artísticos e associativos, aos agentes culturais, aos patrocinadores, às Juntas de Freguesia, às Autarquias, (já que o Governo Central não aceita pedidos de apoios dos Amadores de Teatro) um maior esforço nos apoios, e na contribuição para o crescimento sociocultural das **Artes dos Palcos Associativos**.

Enquanto isso não for possível, com mais ou menos dificuldades, continuaremos, como até aqui, com as "portas abertas", com a " mão-de-obra barata ", e a LEVAR O TEATRO À PORTA DOS FREGUESES.

Valha-nos, a muita paixão que sentimos pelo Teatro, valha-nos a muita preseverança que temos em querer melhorar a vida cultural do ***País Que Somos***, que aliadas a alguns apoios públicos, e à solidariedade de personalidades e organismos, que acreditam no trabalho dos Amadores de Teatro, que vai sendo possível, levar por diante esta maravilhosa tarefa artística e sociocultural, chamada **TEATRO**.

Valha-nos isso. Mas, não nos devemos esquecer, o quanto é importante saber o que é a RESPONSABILIDADE DE SER AMADOR DE TEATRO. O **Teatro Associativo**, é de facto, e sem demagogias, uma Grande Escola de Humanização para a Vida Social, Cultural e Associativa.

Companheiros,

Resta-me aproveitar o ensejo, e dizer-lhes, que aceitem o convite, pois as portas do Teatro de Ramalde estão abertas, para assistirem aos espectáculos *(ver programa)* deste 13.º Encontro de Teatro Associativo, chamado AMASPORTO.

Um abraço companheiro.

Alfredo Correia

UNIVERSIDADE SÉNIOR

A vontade de frequentar uma Universidade Sénior era coisa em que eu vinha pensando havia bastante tempo. Até que um dia me resolvi e fui matricular-me na Universidade Sénior Contemporânea.

Foi um dos melhores passos que dei na vida. Inscrevi-me em cinco disciplinas, entre elas o teatro e a poesia que foram sempre uma das minhas paixões. Hoje já lá vão 2 anos, sinto-me quasi como nos tempos de estudante... voltar aos livros, aos cadernos, às salas de aula, dá-me a sensação de estarmos mais novos.

É maravilhoso o convívio entre alunos e professores, a camaradagem e até as amizades que se criam são excelentes. Os dias dedicados às visitas de estudo são sempre esperados com ansiedade. As festas anuais são uma alegria para todos. Os alunos de teatro representam; os da dança, dançam; os da poesia, declamam, etc... Por tudo isto e, muito mais, haveria para dizer...

Vou agora dar-lhe um conselho: estão abertas as matrículas, vá inscrever-se numa Universidade Sénior e vai ver que se não arrepende!

Não passe as tardes a ver televisão, não durma mais que o necessário, não jogue as cartas tantas vezes, não vá todos os dias para o centro comercial! Ocupe o seu tempo livre aprendendo, convivendo, rindo e até porque não dizê-lo, sentindo-se mais novo. E agora vou dizer-lhe um segredo... sentimo-nos um pouco mais vaidosas quando algum professor nos diz: - Muito bem, vê-se que estudou. E nos dá um abraço.

Companheiro, vá, vá para a Universidade Sénior, está em muito boa idade de o fazer. Depois escreva-me e diga-me se não tenho razão. Um abraço,

Manuela Sárria Vasconcelos

VENDE-SE

ROULOTTE

Pequena. Preço a combinar. C/ cozinha. Instª B 22. Contacto: Manuel António. TM 938248448

ROULOTTE

Preço: 1.850,00 Euros. C/ avançado, só visto. Instª F 4. Contacto: Arlindo Barbosa. Tm 966755126

TENDA

Preço a combinar. Lotª 6 pessoas. Área: 4,5x5. C/ cozinha + duplo tecto + instª eléctrica + algum recheios. Instª D 67. Contacto: Ricardo Soares/Sara Figueiredo. TM 938219900 / 939442409.

"OS OLHOS"

Os olhos são para ver
Lá diz o velho ditado
Mas eu olho para saber
O que se passa a meu lado
Mas às vezes o que vejo
Faz doer o coração
Vejo um burro e outro burro
Batendo no mesmo cão
E é sempre o mais pequeno
Que mais apanha no lombo
Porque o grande quando cai
Alguem lhe ampara o tombo
Mas se o cão se revoltar
E no burro der dentada
Já sabe o pobre do bicho
Que tem a vida acabada
Por isso toma cuidado
Não dês dentada em ninguém
Pode aparecer outro burro
Que te mande p'ró além.

Manuela Sárria Vasconcelos

VOU CONTIGO "NESTA ESTRADA"

Vou contigo nesta estrada
Que pediste p'ra seguir
Não sei se esta caminhada
Vale a pena prosseguir
Vou ver aonde me leva
A estrada que comecei
E quando chegar ao fim
Ver que não me enganei
Esta estrada tem atalhos
Difíceis de percorrer
Mas há quem passe trabalhos
Bem custosos de vencer
Mas eu vou observando
O que pisam os meus pés
E já no fim do caminho
Eu saberei quem tu és
E então já bem cansada
Eu vou dizer-te baixinho
É tão linda a nossa estrada
Vamos mais devagarinho.

Manuela Sárria Vasconcelos

HOMENAGEM AO AMIGO JOSÉ CARDOSO

Como é bom saber pintar.
Primeiro, começa-se a brincar
Com os pincéis, escolhendo uma cor.
Mas para pintar
É preciso juntar ao trabalho, amor.

Pintar uma paisagem.
No imaginário é só miragem
Só depois fica a imagem
Esbatida em várias cores.

Cardoso meu amigo
Foste por mim escolhido
Entre todos os "naifs"
O melhor Pintor.

António Gonçalves

DIREITO DE RESPOSTA

From: Raul Lopes
To: presidente@ccporto.pt ; agostinho_jorge@sapo.pt
Sent: Thursday, March 08, 2007 6:04 PM
Subject: protesto pelo texto publicado na Acampar

Sr. Presidente do CCP, Carlos Azevedo
Sr. Director da revista Acampar, Jorge Agostinho
Companheiros,

No último número (nº 34, ano X) da Acampar, que é como sabemos o órgão oficial do Clube de Campismo do Porto, foi publicado um texto assinado por um membro dos órgãos sociais do CCP, Durana Pinto, que é indigno do respeito que a dignidade institucional do CCP a todos nos merece. Razão que me leva a apresentar-vos o meu mais veemente protesto.

Com efeito, o autor propôs-se falar de autocaravanismo, dos seus dirigentes e do seu figurino organizacional sem minimamente cuidar de se documentar do que fala. Pior do que escrever sobre o que não sabe é ter enveredado pelo ataque pessoal e pela tentativa de assassinato de carácter moral permitindo-se fazer julgamentos de intenções de pessoas que não conhece de lado nenhum (como é manifestamente o meu caso). Não é aliás a primeira vez que tal senhor se deleita com este tipo de exercício, mas desta vez foi longe de mais.

É pública a minha opinião sobre a orientação da FCMP e o comportamento do seu presidente fcipriano. O Clube Português de Autocaravanas (CPA) também já deixou claro o seu entendimento sobre o assunto. Acresce que a eventual criação de uma Federação de Autocaravanismo é uma decisão que, obviamente, só aos autocaravanistas cabe. Não obstante, reconheço como legítimo aos campistas discordar da orientação do CPA na matéria, ou do pensamento que tenho tornado público sobre o assunto. Mas, companheiros, daí ao ataque pessoal vai uma grande distância que um clube como CCP se não pode permitir no seu seio.

Manifestar discordâncias, fundamentá-las e dirimir argumentos é próprio de pessoas inteligentes e educadas. À falta de argumentos, recorrer ao ataque pessoal é próprio dos medíocres mal formados e deveria ser por todos nós entendido como prática inaceitável no movimento associativo. Além do mais, proceder a ataques pessoais mas não mencionar o nome de quem se está a atacar, é como atirar a pedra e esconder a mão, é coisa própria de cobardes.

O Sr. Durana que me acusa de desmedida ambição e sede de protagonismo está em condições de dizer que não deve ao campismo a notoriedade (?) pública que tem (?)?

Na parte que me toca, estou em condições de dizer sem correr o risco de ser desmentido que não devo minimamente ao autocaravanismo o estatuto social e económico que tenho. O protagonismo e reconhecimento social que tenho devo-o à minha carreira profissional, testemunhada nos livros e artigos científicos que tenho publicado, não só em Portugal como em francês, inglês, alemão e grego. Por outro lado, antes de falar com os jornalistas como dirigente autocaravanista já tinha experimentado a sensação de estar perante as Câmaras da TV, nos estúdios da rádio, ou perante o gravador dos jornalistas da imprensa escrita. Perante isto, alguém no seu perfeito juízo achará que estou no autocaravanismo na busca de protagonismo? Por aqui podem compreender a dimensão da tolice que é acusarem-se de querer uma Federação de autocaravanismo para "ter estatuto". Se eu quisesse um lugar na direcção da Federação (se eu ambicionasse a "um lugar ciprianico", como é dito) ter-me-ia demitido da Direcção do CPA e teria usado a minha influência no CPA para ser eu o representante do Clube na Direcção da FCMP. Mas não, pelo contrário, subscrevi a recusa do CPA em tomar parte na direcção da Federação quando recentemente fomos convidados a fazê-lo.

Quem me ataca está em condições de manifestar tamanho desprendimento pelo poder (e pelo dinheiro, note-se que no CPA os dirigentes não recebem um cêntimo)?

Companheiros, perante isto, não espero do escriba em causa um pedido de desculpa. Tais gestos só estão ao alcance de algumas pessoas. Mas espero do CCP a confirmação de que o Clube se não revê nesta forma terrorista de actuação e, como tal, que não vai permitir a sua continuidade. Como prova disso, gostaria de ver este protesto publicado no próximo Boletim do CCP.

Os meus cumprimentos
Raul Lopes (Vice-Presidente do CPA)

On 3/9/07, **Jorge Agostinho** <agostinho_jorge@sapo.pt > wrote:
Companheiro Carlos Lopes,
em resposta ao seu e-mail de ontem, cumpre-me responder-lhe**, na minha qualidade de Director do ACAMPAR**.

Primeiramente para o informar que é baseada numa relação de confiança e reconhecimento de isenção, que a Direcção do meu Clube me dá a honra de dirigir o nosso Órgão Oficial, sendo que, tanto a própria Direcção, como os restantes Órgãos Sociais, só têm acesso à revista, ao mesmo tempo dos restantes sócios e demais leitores. Daí, a minha total assunção da responsabilidade pelos conteúdos da mesma. Como leitor atento, constatará que todos os artigos são assinados, não me outorgando o direito de cercear ideias, conceitos ou opiniões, dos nossos leitores ou colaboradores, desde que as mesmas não firam princípios éticos ou, porventura, possam pôr em causa a honorabilidade de alguém. Não me referindo particularmente ao artigo em causa nem tampouco pretendendo questionar o fundamento do seu protesto, reconheço porém, que por vezes, uma escrita mais cáustica ou com recurso a figuras de estilo menos elaboradas, possa dar azo a que sejam, eventualmente, feridas susceptibilidades. Nunca porém, sob a minha orientação, o Acampar será palco para guerrilhas institucionais, expressando por tal o meu desejo, de que, se não pretenda confundir posições institucionais com discordâncias pessoais. Será pois, não como prova do que quer que seja, mas por reconhecer um direito que lhe assiste, que na próxima edição do Acampar, publicarei, como **direito de resposta***, o seu protesto.*

Os meus cumprimentos
Jorge Agostinho

Offset
Impressão Digital
Encadernação
Criativos
Tratamento de Imagem
Publicidade

Catálogos | Revistas | Brochuras | Etiquetas
Embalagem | Sacos de Papel | Livros
Envelopes | Folhas de Carta | Cartões
Autocolantes | Vinil e PVC | Carimbos | Formulário

Rua Nau Trindade 72 | 4000-354 Porto | Tel. 225366603 | Fax. 225366603 | Tlm. 966133913 | 962342312 964003246
E-mail: borges.mendonca@sapo.pt

GUIA DE PARQUES DE CAMPISMO

No seu clube é + barato 20% desc.

Roteiro Campista
Todos os parques de campismo portugueses com taxas e características. Secção de alojamento complementar
Inclui mapa de estradas
P.V.P. ..... 6,20€
Na F.C.M.P. ou Clube..... 4,96€

Guia de Camping FECC
Inclui todos os parques espanhois e uma selecção de cerca de1000 parques europeus e mapa de estradas da Península Ibérica
P.V.P. ..... 16,40€
Na F.C.M.P. Ou Clube... 14,76€

Camping Europe du Sud
Cerca de 3000 parques seleccionados do Sul de França, Espanha, Itália, Grécia, Portugal, Eslovénia, Croácia, Turquia e Andorra.
P.V.P. ..... 13,90€
Na F.C.M.P. ou Clube... 12,51€

Guide Officiel de France
Todos os parques de França (cerca de 11000). Mapa de estradas com a localização dos parques.
P.V.P. ..... 16,20€
Na F.C.M.P. ou Clube... 14,58€

roteiro campista

NOVIDADES 2007:
. Novos Parques
. Parques Encerrados
. Novos Pontos Turísticos
. Nova Simbologia

ENVIO GRATUITO PELO CORREIO
NÃO FAZEMOS ENVIOS À COBRANÇA
Envie-nos o custo do(s) guia(s) que desejar (P.V.P.) em cheque ou vale de correio à ordem de Roteiro Campista e receba-o(s) em sua casa.
Pedidos para: ROTEIRO CAMPISTA APARTADO 3168 1301-902 LISBOA
Tel. 21 364 23 70 Fax 21 361 92 84

www.roteiro-campista.pt Info@roteiro-campista.pt
PARQUES DE CAMPISMO - CARAVANAS - AUTOCARAVANAS - TENDAS
RESIDENCIAIS - ACESSÓRIOS - ALUGUERES
O PORTAL PARA AS SUAS FÉRIAS

EXPONOR
FEIRA INTERNACIONAL DO PORTO

VIDA NATURA

ufi Approved Event

feira de caravanismo, desporto e lazer

A feira que o liga à Natureza

10`18 **novembro** 2007

www.vidanatura.exponor.pt

Apoios:

Portal Aventuras

EXPONOR – Feira Internacional do Porto | 4450-617 Leça da Palmeira | Tel.: 808 301 400 | Fax: 229 981 482/337 | info@exponor.pt | www.exponor.pt

LISBOA: Tel.: 213 826 730 - Fax: 213 826 734 - info.lisboa@exponor.pt | LEIRIA: Tel.: 91 757 85 47 - Fax: 244 765 374 - info.leiria@exponor.pt | ALGARVE: Tel.: 91 970 89 24 - Fax: 281 381 558 - tiago.ferreira@exponor.pt

AEP